

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XVIII | Número 161 | Volume 19 | 2022

**A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem
religiosa na pós-modernidade**

Ferdinando Sudati

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XVIII | Número 161 | Volume 19 | 2022

**A fé cristã na ressurreição e a
crise da linguagem religiosa
na pós-modernidade**

Ferdinando Sudati

Teólogo e Presbítero da Diocesi di Lodi – Itália

Tradução: Moisés Sbardelotto



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XVIII – Vol. 19 – Nº 161 – 2022

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Imagem da capa: Abstract painting | Pxhere

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Tradução: Moisés Sbardelotto

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil



A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade

Ferdinando Sudati

RESUMO: No novo paradigma cultural, que em referência ao aspecto religioso é denominado de pós-teísta, em que o cristianismo também está entrando, ressurreição e ascensão entendidas em sentido literal e, portanto, nas coordenadas do milagre e da história não encontram mais lugar. A visão teísta do mundo tornou-se obsoleta e está simplesmente desaparecendo. Os relatos da ressurreição do Novo Testamento, ainda tomados ao pé da letra até em academias teológicas, pedem muito, mas demonstram pouco, ou seja, pretendem condicionar toda a existência dos fiéis, e até mesmo o além, mas não superam os padrões mínimos de prova que tal pretensão deveria oferecer.

PALAVRAS-CHAVE: Fé cristã. Pós-modernidade. Linguagem religiosa. Cristianismo.



The Christian faith on resurrection and the crisis of religious language in postmodernity

Ferdinando Sudati

ABSTRACT: In the new cultural paradigm, which in reference to the religious aspect is called post-theistic, in which Christianity is also a part of, resurrection and ascension understood in a literal sense and, therefore, in the coordinates of the miracle and history, no longer find place. The theistic world view has become obsolete and is simply disappearing. The New Testament accounts of the resurrection, still taken literally even in theological academies, that is, they intend to condition the entire existence of the faithful, and even the beyond, but they do not go beyond the minimum standards of proof that such a claim should offer.

KEYWORDS: Christian faith. Postmodernity. Post-theism. Religious language. Christianity.



A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade

Ferdinando Sudati

Teólogo e Presbítero da Diocese di Lodi – Itália

Primeira parte. A ressurreição de Jesus nas primeiras fontes cristãs: por quem e como foi relatada

Embora os Evangelhos não sejam obras de história, sendo a sua intenção teológica e apologética, isto é, testemunhar, defender e suscitar a fé em Jesus, alguns entrelaçamentos históricos, no entanto, são bem evidentes neles, tanto que, terminada a redação, esses

escritos assumiram uma tendência aproximadamente biográfica em relação ao seu protagonista. Naturalmente, devemos esperar uma biografia à moda antiga, ou seja, bastante livre ao referir fatos e palavras. Cabe aos estudiosos modernos, com a vantagem dos novos instrumentos cognitivos e de uma cultura mais ampla em todos os campos, particularmente – no que diz respeito ao nosso assunto – no da historiografia, línguas antigas, arquivística, filologia, arqueologia, tentar enuclear o máximo possível o cerne histórico que está sob os embelezamentos, as reconstruções livres, os acréscimos e até mesmo as composições fantasiosas dos autores antigos.

O PRIMEIRO A ESCREVER SOBRE RESSURREIÇÃO

Os relatos da ressurreição de Jesus se encontram, como seria de se esperar, na parte final de cada um dos quatro evangelhos canônicos, mas os evangelhos não são as primeiras Escrituras cristãs. Os primeiros escritos do Novo Testamento devem-se a Paulo de Tarso, e se trata das sete cartas consideradas autênticas, dirigidas às comunidades cristãs de recente fundação. Paulo é também o primeiro a deixar um traço escrito sobre a ressurreição de Jesus, precisamente na Primeira Carta aos Tessalonicenses, que contém menções ao evento a fim de tranquilizar aqueles fiéis ansiosos pelo destino de quem morresse antes da Parusia do Senhor Jesus (1Ts 1,10; 4,13-17).

Porém, quem faz referência a isso, com alguns detalhes que pretenderiam ser “históricos”, é a sua Primeira Carta aos Coríntios (15,4-8), na qual ele elenca uma série de pessoas, algumas ainda vivas e conhecidas dele, às quais Jesus apareceu como ressuscitado da

morte. São elas:

- Cefas¹
- os Doze²
- quinhentos irmãos de uma só vez
- Tiago³
- todos os apóstolos⁴
- ele mesmo.

Paulo coloca a sua visão de Jesus – ocorrida dois anos ou mais depois da “ascensão” – no mesmo nível das visões dos apóstolos, que se esgotaram no limite de quarenta dias, conforme Atos 1,3. Ele, porém, não fala de um sepulcro vazio e não nomeia nenhuma mulher entre os destinatários das visões do ressuscitado, enquanto, de acordo com os evangelhos, foram precisamente as mulheres que viram primeiro tanto o sepulcro vazio quanto Jesus.

Paulo não parece interessado na fisicidade do corpo do ressuscitado ou, pelo menos, oscila entre uma interpretação radicalmente espiritual dele e uma interpretação em termos de “corpo celeste” ou “corpo espiritual” (1Cor 15,40.44) dotado de uma certa consistência. Provavelmente, porém, Paulo nunca teria chegado a conceber o Ressuscitado como alguém que pede comida e está disposto a consumi-lo na presença dos discípulos, como se lê em Lucas, com uma menção também em Atos. Para ele, Deus ressuscitou Jesus e o transferiu “para os céus” (cf. 1Ts 1,10; Ef 1,20). O 1ª aparição a Cefas/Simão Pedro (1Cor 15,5) também é atestada em Lc 24,34, mas sempre sem detalhes.

2 Embora devessem ser Onze.

3 O irmão do Senhor.

4 Parece se tratar de um grupo diferente dos Doze.

problema específico de como os fiéis defuntos eventualmente ressurgirão, e com que corpo, é tratado em 1Cor 15, e aqui fica evidente como Paulo se refere à recuperação do corpo que se teve em vida, seguramente “espiritualizado”, “glorificado” ou “incorrupível”, o que quer que isso signifique.

A RESSURREIÇÃO NOS EVANGELHOS SINÓTICOS E EM JOÃO

O que chama a atenção nos quatro evangelhos, quando falam da ressurreição de Jesus, é a discordância sobre o assunto, não só com Paulo, mas também entre eles. Concordam apenas sobre o nome de Maria de Magdala como alguém presente no grupinho de mulheres que vão ao sepulcro e sobre o dia da descoberta do túmulo vazio: “o primeiro” da semana. Aqui termina a sinopse dos eventos pascais, se entendermos a possibilidade de captar com um olhar de conjunto os textos harmonizáveis. A sinopse, por sua vez, é fundamental para uma visão imediata das diferenças, e até contradições, entre os relatos da ressurreição. Eis, portanto, as principais deformidades, subdivididas em seis agrupamentos, seguidas de dois quadros-síntese das pessoas envolvidas e de quantas vezes⁵:

1) Em relação ao sepulcro

5 Recorri, com modificações livres, a Nuovo Grande Commentario Biblico, Queriniana, Brescia 1997, p. 1809; Paul Copan (org.), Un sepulcro vacío. Debate en torno a la resurrección de Jesús, Voz De Papel, Madrid 2005, pp. 107-109; A. Torres Queiruga, Repensar la resurrección. La diferencia cristiana en la continuidad de las religiones y de la cultura, Trotta, Madrid 2005, 3 ed., pp. 46-47 (que se reporta, por sua vez, a G. Theissen - A. Merz, El Jesús histórico, Salamanca 2000, p. 541); R. Funk and the Jesus Seminar, The Acts of Jesus: The Search for the Authentic Deeds of Jesus, HarperSanFrancisco, New York, NY, 1998, pp. 449-495.



- vigilância dos guardas (por parte da autoridade do Templo)

Mc: não

Mt: sim

Lc: não

Jo: não

- hora do dia em que as mulheres chegaram ao sepulcro

Mc: ao nascer do sol

Mc+⁶: de manhã

Mt: de madrugada

Lc: de manhã cedo

Jo: ainda estava escuro

- quais e quantas mulheres encontraram primeiro o sepulcro vazio

Mc: Maria de Magdala, Maria mãe de Tiago, Salomé

Mt: Maria de Magdala, uma segunda Maria

Lc: Maria de Magdala, Joana, Maria mãe de Tiago e outras

Jo: Maria de Magdala e talvez outra

- motivo pelo qual foram ao sepulcro

Mc: fazer as unções

6 Mc+ indica o “final longo” de Marcos (16,9-20), considerado um acréscimo tardio, talvez do século II, para adequar o seu final aos evangelhos de Mateus e Lucas.



Mt: ver o sepulcro

Lc: levar os aromas

- estado do sepulcro

Mc: pedra de entrada rolada

Mt: terremoto e pedra rolada por um anjo

Lc: pedra rolada

Jo: pedra rolada

- quem encontraram no sepulcro

Mc: um jovem, sentado à direita, vestido com uma túnica branca

Mt: um anjo sentado na pedra por ele rolada

Lc: dois homens em vestes fulgurantes (mais tarde mencionados como anjos)⁷

Jo: dois anjos em vestes brancas, sentados⁸

- conversação

Mc: “Não tenham medo, Jesus ressuscitou, digam aos discípulos que ele os precede na Galileia”

Mt: “Não tenham medo, Jesus ressuscitou, vão e digam aos seus discípulos que ele lhes precede na Galileia”

Lc: os homens fazem uma pergunta e lembram a profecia feita por Jesus na Galileia

Jo: dois anjos perguntam a Maria de Magdala o motivo do seu choro, depois ela vê Jesus, pensando

⁷ Lc 24,22-24.

⁸ “Um do lado da cabeça e outro dos pés, onde o corpo de Jesus tinha sido colocado” (Jo 20,12).

que é o guardião do jardim, e fala com ele

- reação das mulheres

Mc: fugiram amedrontadas, não disseram nada a ninguém

Mt: tendo abandonado às pressas o sepulcro com temor e alegria, correram para dar o anúncio aos discípulos

Lc: tendo voltado do sepulcro, anunciaram tudo aos Onze e aos outros⁹

Jo: Maria de Magdala vai anunciar aos discípulos que viu o Senhor

2) Em relação às aparições no primeiro dia depois do sábado¹⁰

- quem viu por primeiro Jesus ressuscitado¹¹

Mc+: Maria de Magdala, que foi anunciá-lo aos que estiveram com ele

Lc: Simão/Pedro ao retornar do sepulcro; os discípulos de Emaús¹²

9 Aqui há um claro desacordo entre Lc e Mc.

10 De acordo com Spong: "Uma leitura atenta do texto bíblico não sustenta universalmente o primeiro dia da semana como o momento em que o Cristo ressuscitado foi visto." Isso porque, de acordo com o cálculo hebraico do tempo, o dia ia de pôr-do-sol a pôr-do-sol, e, portanto, a noite já era o início do dia seguinte (cf. J. S. Spong, *Rescuing the Bible from Fundamentalism: A Bishop Rethinks the Meaning of Scripture*, HarperCollins, San Francisco 1991, cap. 13, e-book).

11 Recordamos que, segundo Paulo, foi Cefas/Pedro (1Cor 15,5).

12 Segundo A. Piñero, o primado da aparição poderia pertencer tanto a Pedro (Lc 24,33-34) quanto aos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35): cf. Jesús de Nazaret. El hombre de las cien caras. Textos canónicos y apócrifos, Edaf, Madrid, 2012, p. 288.



Jo: Maria de Magdala¹³

- aparições em Jerusalém

Mc+: aos Onze, à mesa, na noite do primeiro dia depois do sábado¹⁴

Lc: aos Onze e outros, à mesa, na noite daquele dia

Jo: aos discípulos, sem Tomé, na noite daquele dia

- aparições fora de Jerusalém

Mc+: a dois deles, sob outro aspecto, enquanto estavam a caminho para o campo

Lc: a dois discípulos a caminho de Emaús

3) Em relação às aparições pós-pascais

- em Jerusalém

Jo: oito dias depois, aparece aos discípulos com Tomé presente

- na Galileia

Mt: aos Onze em um alto monte

Jo: a sete discípulos junto ao lago de Tiberíades

4) Em relação ao local das aparições

- apenas em Jerusalém

13 A quem Jesus diz para não o reter e fala da sua ascensão ao Pai (Jo 20,15-17).

14 Cf. Mc 16,9. A expressão de Mc 16,14 é um tanto genérica: “No fim” ou “Depois”. Como a refeição principal era a da noite, pode-se supor que estávamos no início do novo dia, o que equivaleria à nossa segunda-feira.

Lc 24: Jerusalém e arredores, incluindo a ascensão¹⁵

- apenas na Galileia¹⁶

Mc+ (16,7)¹⁷

Mt (28,7-10)¹⁸

- na Judeia e na Galileia

Jo 20,19; Jo 21,1¹⁹

5) Em relação à ingestão de alimentos pelo Ressuscitado

- Paulo: não

- Mc: não

- Mt: não

- Lc: sim

- Jo: sim²⁰

15 Lc 24,50-53.

16 Fundamentalmente, Marcos e Mateus relatam as aparições como tendo ocorrido na Galileia. "Do ponto de vista histórico [...] é improvável que os seguidores de Jesus tenham permanecido em Jerusalém três dias após a sua execução. É mais provável que tenham voltado para a Galileia. [...] É mais provável que o Ressuscitado tenha começado a 'aparecer' na Galileia, e que, portanto, as aparições do 'ciclo do túmulo vazio' pertençam a um momento posterior da tradição" (G. Fontana, in A. Piñero et al., *Los libros del Nuevo Testamento*, Trotta, Madrid 2021, comentando Jo 21,1, p. 1895, e-book).

17 Embora colida com Mc 16,9.

18 Maria de Magdala e a outra Maria abraçam os pés de Jesus, ao vir ao encontro delas, que repete a mensagem do Anjo junto ao sepulcro (v. 7) sobre a ida para a Galileia (v. 10).

19 Exceção contida no "final acrescentado" de Jo 21: aparição junto ao lago de Tiberíades.

20 "Disse-lhes Jesus: 'Venham e comam'... Depois de comerem..." (Jo 21,12.15).

- At: sim (nas palavras atribuídas a Pedro)

6) Em relação ao tempo transcorrido antes da ascensão²¹

- um dia: Lc 24,13

- quarenta dias: Atos 1,3

Quadro-síntese das pessoas a quem Jesus apareceu

A indivíduos:

- Pedro (Paulo, Lc)

- Maria de Magdala (Mc+, Mt, Gv)

- Tiago, irmão de Jesus (Paulo)

- Paulo (At, Paulo)

A grupos:

- Os Onze/Doze (Paulo, Mc+, Mt, Lc, Jo)

- Todos os apóstolos (Paulo, At)

- Sete discípulos no mar de Tiberíades (Jo)

- Quinhentos ao mesmo tempo (Paulo)

21 R. Funk e o Jesus Seminar relatam também os testemunhos dos apócrifos: o Evangelho de Maria, o Evangelho de Pedro, o Evangelho dos Judeus e o Tiago secreto (cf. *The Acts of Jesus*, cit., p. 452).

Outras aparições:

- Dois discípulos caminhando rumo ao campo (Mc+)
- Cléofas e companheiro a caminho de Emaús (Lc)
- A segunda Maria, não identificada (Mt)
- Testemunhas não especificadas (At)

Quadro-síntese das vezes em que Jesus apareceu

(que poderiam somar 12 ou 13)

- Mc+ (16,9.12.14-18): uma vez a Maria de Magdala; uma vez para dois discípulos enquanto estavam a caminho rumo ao campo; uma vez aos discípulos, enquanto estavam à mesa. Três vezes.

- Mt (28,9-10.18-20): uma vez a Maria de Magdala e à outra Maria; uma vez aos discípulos no monte da Galileia. Duas vezes, ambas novas.

- Lc (24,15-31.34.36-51): uma vez a Cléofas e companheiro a caminho de Emaús; uma vez a Pedro e uma aos discípulos enquanto estavam à mesa. Não se diz que as mulheres tenham visto Jesus (24,24). Três vezes, com duas novas (se os dois a caminho de Emaús não são os mesmos de Mc+).

- Jo (20,14-23.26-29; 21,4-22): uma vez a Maria de Magdala; duas vezes aos discípulos na sala superior; uma vez junto ao mar da Galileia. Quatro vezes (embora 21,14 fale de três), com uma nova.

- At (1,2-9): Jesus se mostrou aos discípulos “du-

rante quarenta dias”: de duas – se considerarmos como nova a de 1,6 – a várias vezes, não é possível especificar melhor.

- 1Cor (15,5-8): uma vez a Pedro; uma vez aos Doze; uma vez a quinhentos irmãos; uma vez a Tiago (sem especificar qual); uma vez a todos os apóstolos; uma vez a Paulo (após a ascensão). Seis vezes, com quatro novas.²²

PAULO DE TARSO, UM CASO CLÍNICO?

Paulo não descreveu a sua experiência de ver o Cristo ressuscitado (que encontramos nos Atos dos Apóstolos), mas, em vez disso, forneceu aqui e acolá a sua interpretação, como fez com a ressurreição. Ele “encontra” Jesus cerca de três anos após a sua morte, mas considera que viu o ressuscitado do mesmo modo que os apóstolos. Além disso, é o mesmo verbo grego²³ que é usado tanto por ele quanto pelos evangelhos para indicar o fenômeno da aparição do ressuscitado. A sua experiência, porém, para todos os efeitos, parece a de um visionário.²⁴ Embora não tenham faltado as abor-

22 Devo esta parte a Stephen Brauning, “Los Evangelios en paralelo. Una comparación temático detallado”, 2018 (disponível em www.academia.edu), que, porém, adaptei ao meu propósito.

23 Ὠράω (orão), que além do significado de “ver”, “olhar”, “conhecer”, “aparecer”, pode ter o significado mais amplo de “ver com o intelecto”, “perceber interiormente ou espiritualmente”.

24 “O próprio Paulo e os paulinos sentiram a necessidade imperativa de fundar uma interpretação da figura e da missão de Jesus, da sua morte e ressurreição, baseada em um evangelho totalmente visionário de Paulo em união e com a aprovação deste ‘evangelho’ por parte dos sucessores do Jesus histórico” (A. Piñero, Réplica amistosa a Xabier Pikaza, IV, in: www.religiondigital.org, 16-03-2022).

dagens psicológicas para o seu caso, ainda não se chegou a uma definição satisfatória da sua personalidade. Trabalhar com um sujeito a tão grande “distância” e, portanto, com base em indícios de material documental, não é fácil, embora não impeça totalmente compor, aplicando as novas aquisições histórico-filológicas, o quadro psicológico e eventualmente psicopatológico de Paulo nos seus traços essenciais.²⁵

A tentativa de detectar se Paulo tem uma propensão ao êxtase, visões, revelações e experiências místicas, que em outro registro seriam classificadas como devaneios, delírios, produtos de uma mente distorcida e neurótica, alucinações, pensamento mágico, tendências obsessivo-compulsivas,²⁶ é realmente de grande interesse. Nada impede que visões e arrebatamentos extáticos estivessem ligados à epilepsia ou fossem por

25 Cf. Christoph Türcke, *Il sogno di Gesù. Psicoanalisi del Nuovo Testamento*, Rosenberg & Sellier, Torino 2013, cap. “Paolo”, e-book; H. Maccoby, *Paolo creatore del mito e l’invenzione del Cristianesimo*, cit., cap. 9, “La strada per Damasco”; cap. 10 “Damasco e oltre”, pp. 69-86. Talvez já exista um diagnóstico psicológico “completo” de Paulo, mas simplesmente não tenho conhecimento disso.

26 F. Tommasi, *Non c’è Cristo che tenga*, cf. bibliografia, p. 302, a propósito de Rm 11,25: devaneios, delírios; de Rm 7: “As elucubrações desse texto [...] nos parecem ser uma manifestação dos pesadelos de uma mente obsessiva, distorcida e neurótica” (Ibid., p. 303); de 1Cor 5,1-5: o seu agir é marcado pela fanática intolerância que o caracterizava (Ibid., p. 303). “As suas [...] crenças emergiam das suas alucinações, nas quais ele tinha certeza de ter ouvido pessoalmente Jesus morto [...]”. Portanto, temos o direito de nos perguntar: em relação às certezas teológicas centrais de Paulo – sejamos honestos: aos seus lampejos de pensamento mágico – como podemos confiar mesmo que um pouco?” (David Madison, biblista e ex-pastor metodista, em www.debunking-christianity.com, 03-01-2019). “Movido pelas suas alucinações, Paulo caiu em tendências obsessivo-compulsivas” (Ibid., 01-04-2019). “Era um missionário incansável, como fica claro tanto a partir das suas cartas quanto dos Atos. Mas a sua obsessão por Cristo não se revela saudável, e, a partir das suas cartas, evidencia-se que era uma pessoa profundamente perturbada” (Ibid., 20-05-2022).

ela facilitados, como acredita A. Piñero.²⁷

O que oferece material aos especialistas nas ciências da psique não é tanto ou sobretudo o “espinho dado à sua carne”, de que ele fala em 2Coríntios 12,7 – que não deixou de lhe causar sofrimento nem mesmo depois da sua experiência de “chamado” e “revelação” –, mas sim o fato de ter visões, que justificavam aos seus olhos pretensões exorbitantes em relação aos outros, assim como a si mesmo.

Tudo isso encontrava respaldo em uma personalidade dominante, com aspectos de intolerância e até de fanatismo, capaz, de todos os modos, de fazer valer a sua autoridade até mesmo para além do lícito. Paulo era capaz de atitudes excessivas: uma extrema dedicação à causa à qual havia se dedicado e um protagonismo que tendia a se impor sobre os outros, aos quais pedia que depositassem total confiança nele.

Paulo, obviamente, pertence à antiguidade, e, portanto, devemos levar em conta o contexto em que viveu e as ideias em circulação na sua época para entender o sentido do que ele dizia aos seus leitores contemporâneos. Essa regra vale para qualquer texto antigo e, portanto, para o Jesus dos evangelhos. No entanto, isso não significa que podemos nos eximir do exercício hermenêutico de pôr em relação o tempo de Jesus e de Paulo com o nosso e de formular uma avaliação do legado deles em relação às aquisições e aos parâmetros de hoje. Caso contrário, só nos restaria 27 “[Um] espinho na carne, um anjo de Satanás”: não se sabe a que doença Paulo se refere, talvez à epilepsia, que é muito apropriada para um visionário apocalíptico como ele” (A. Piñero et al., *Los libros del Nuevo Testamento*, Trotta, Madrid 2021, comentando 2Cor 12,7, e-book; cfr. A. Piñero, *Guía para entender a Pablo de Tarso. Una interpretación del pensamiento paulino*, Trotta, Madrid 2015, p. 389).

justificar tudo o que recebemos das épocas anteriores e deixar tudo no estado em que se encontra, extinguindo pela raiz o senso crítico e o impulso tipicamente humano ao progresso na busca da verdade, do bem e do interesse comum. Com maior razão, não podemos ser leitores passivos diante de obras que nos interpelam e das quais depende a orientação da nossa existência.

“UMA INVESTIDURA DIVINA DEMAIS E POUCO DEMONSTRADA”

No conhecido episódio de Damasco, Paulo, deslumbrado por uma luz, cai no chão e ouve uma voz se dirigir a ele e com a qual pode dialogar. Por meio dela, ele toma conhecimento de um personagem que nunca havia encontrado nem visto antes, mas com quem se encontrava em conflito mortal, a ponto de ser levado a perseguir os seus seguidores: o “Senhor Jesus”. A visão de Paulo poderia se enquadrar nas experiências de tipo alucinatório ou se tratar de uma perturbação mental com um colapso psíquico que se resolveu positivamente para a pessoa em questão.²⁸

O fato de Damasco é narrado três vezes, com ênfases diversas, nos Atos dos Apóstolos (9,3-19; 22,6-16; 26,12-18), mas Paulo nunca fala dele nos seus escritos; não, pelo menos, em termos descritivos ou sobreponíveis aos dos Atos. Podem-se encontrar alusões a ele em Gálatas 1,15-16: “Deus [...] se dignou revelar em mim o seu Filho”; Filipenses 3,6.8.12: “Quanto ao zelo, perseguidor da Igreja, [...] também eu fui conquistado por Cristo Jesus”; 1Coríntios 9,1: “Não sou eu apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?”; 1Coríntios 15,8: “Por último de todos, apareceu também a mim, como a um 28 Cf. H. Maccoby, Paolo creatore del mito e l’invenzione del Cristianesimo, Massari, Bolsena (AR) 2018, p. 80.

aborto”; Romanos 1,1: “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para anunciar o evangelho de Deus”.

O relato de Atos tem todo o aspecto de uma tradução cenográfica pelo autor do evangelho de Lucas ou de um de seus discípulos, como é mais fácil, dos conceitos de revelação e vocação desenvolvidos por Paulo, que fazia a sua missão depender diretamente de Cristo, de modo a compensar “uma investidura divina demais e pouco demonstrada e que, ao mesmo tempo, lhe conferia um poder inoportuno”.²⁹ Era isso que insinuavam os seus detratores, não sem razões do lado deles. Hoje, sem sermos detratores, examinando criticamente esses testemunhos escritos e renunciando a apelar ao milagre, gostaríamos de entender o que realmente aconteceu, embora, no atual estado das coisas, a nossa exigência esteja destinada a permanecer insatisfeita: indubitavelmente, tratou-se de uma experiência que mudou a vida de Paulo.

OUTRAS EXPERIÊNCIAS MÍSTICO-VISIONÁRIAS

Querendo gastar ainda mais algumas palavras sobre a personalidade de Paulo, a partir dos testemunhos fornecidos por ele mesmo, pode-se dizer que, se ele fosse submetido a um moderno exame de personalidade, o diagnóstico seria bastante severo em termos psiquiátricos. Paulo, como vários estudiosos evidenciaram, é um visionário por natureza e também um “entusiasta”, no sentido etimológico da palavra, que remete ao fato de “ter um Deus dentro”. Só recentemente é que se começou a afirmar isso em âmbito cristão-católico, e, sem dúvida, trata-se de uma conclusão

29 R. Calimani, Paolo. L'ebreo che fondò il cristianesimo, Mondadori, Oscar Mondadori, Milano 2010, p. 164.

que merece ser aprofundada e mais sustentada.

A aparição, com conteúdo de “revelação” envolvendo um mandato missionário, que Paulo viveu no episódio de Damasco, é ampliada e interpretada em Gálatas, talvez também à luz de outras experiências místicas que marcam a sua existência. Ele tem a certeza de ter recebido comunicações diretas de Jesus e do próprio Deus, a ponto de designar o seu conteúdo como “seu evangelho”. Isso pressupõe que ele sabia distinguir exatamente entre Deus e qualquer outro fenômeno, embora não estivesse ciente – mas ninguém estava naquela época – das extraordinárias capacidades da psique humana de criar fenômenos estranhos e até mesmo de pregar “peças”, ou seja, de se autoenganar.

As suas visões são consideradas por ele, sem a menor dúvida, “objetivas” e “reais”, perfeitamente homogêneas às experimentadas pelos apóstolos. Ele exige ser acreditado sobre a palavra em relação à experiência em si mesma e ao seu conteúdo estupefaciente. E aqui nasce a dificuldade para nós que, praticamente por vinte séculos, assumimos o seu relato como bom e garantido pelo sobrenatural. Não está em discussão a sua sinceridade, mas sim o seu conhecimento limitado, que o leva a atribuir à intervenção divina fenômenos que, embora não pertencendo à experiência cotidiana, são hoje habitualmente considerados autoproduzidos. A afirmação de Paulo parece ser claramente desmedida: ninguém hoje pode reivindicar que lhe creiamos “na palavra” caso afirme que Deus lhe falou ou que entrou em contato com Jesus Cristo.

Vejamos as principais circunstâncias e afirmações extraordinárias que Paulo nos entregou, sempre com a óbvia pressuposição “de não prestar contas a ninguém

pelo que fazia e dizia”:³⁰

Gl 1,1: “Paulo, apóstolo não da parte dos homens, nem por meio de um homem, mas por meio de Jesus Cristo e de Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos.”

Gl 1,11-12: “Irmãos, eu declaro a vocês que o Evangelho por mim anunciado não segue um modelo humano; na verdade, não o recebi nem o aprendi dos homens, mas por revelação de Jesus Cristo.”³¹

Gl 1,15-17: “Mas quando Deus, que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou por sua graça, dignou-se revelar em mim o seu Filho, para que eu o anunciasse entre as nações, imediatamente, sem pedir conselho a ninguém, sem ir a Jerusalém para me encontrar com os que eram apóstolos antes de mim, fui para a Arábia e depois voltei para Damasco.”³²

2Cor 12,1-4: “É preciso gloriar-se? Embora isso não convenha, vou falar das visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos – se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe –, foi arrebatado ao terceiro céu. E sei que este homem – se no corpo ou sem o corpo, não sei, Deus o sabe – foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras indizíveis que não é lícito a ninguém proferir.”

Ef 3,2-3: “Penso que vocês ouviram falar do ministério da graça de Deus, confiado a mim em favor de vocês: por revelação me foi dado

30 P.F. Zarcone, Gesù, Giacomo e Paolo. Alle origini del cristianesimo, Massari, Bolsena (VT) 2015, p. 193. Os grifos são meus.

31 Embora em Rm 16,25-26 ele pareça escrever algo diferente: “Àquele que tem o poder de lhes confirmar no meu Evangelho, que anuncia Jesus Cristo, segundo a revelação do mistério, envolto no silêncio pelos séculos eternos, mas agora manifestado mediante as escrituras dos Profetas, por ordem do Deus eterno, anunciado a todas as nações para que alcancem a obediência da fé.”

32 Parece uma ampliação da experiência de Damasco, à qual ele alude no v. 12.

a conhecer o mistério, do qual já lhes escrevi brevemente.”

At 22,17-21: “Depois do meu retorno a Jerusalém, enquanto rezava no Templo, entrei em êxtase e vi ele [Jesus] que me dizia: ‘Depressa, saia logo de Jerusalém, porque não aceitarão o seu testemunho sobre mim’. E eu disse: ‘Senhor, eles sabem que era eu que, nas sinagogas, andava prendendo e batendo nos que acreditavam em ti. E quando o sangue de Estêvão, tua testemunha, foi derramado, eu também estava lá presente, apoiando aqueles que o matavam e guardando as roupas deles’. Mas ele me disse: ‘Vá, porque eu te enviarei para longe, para as nações’.”

Mais uma vez, não está em dúvida a integridade de Paulo, a sua dedicação muito generosa à tarefa que havia se proposto, o valor de algumas das suas intuições no plano ético e a sua profunda identificação com os ideais de Jesus Cristo, tal como compreendidos por ele. O que hoje causa problema é o teor das afirmações acima, a segurança com que ele exige ser acreditado sem oferecer nenhuma prova de apoio, nenhuma, pelo menos, que hoje seria considerada adequada, embora em Atos 17,31 fale-se de “prova segura” da ressurreição.

Uma pessoa que atualmente viesse a declarar que o próprio Deus lhe comunicou uma mensagem que deve ser acreditada por todos e que envolve consequências radicais para quem a acolhe, sem outra justificativa que o seu testemunho verbal, seria incluída entre aqueles que têm problemas mentais, pelo menos afetado de megalomania. Nesse sentido, a reação dos areopagitas de Atenas, sobre a qual se lê em Atos 17, é totalmente justificável.

JUSTIÇA PARA OS AREOPAGITAS

Os filósofos epicureus e estoicos de Atenas, depois de terem convidado Paulo ao Areópago³³ para apresentar a nova doutrina (At 17,16-32), que previa também a ressurreição de um condenado à morte, a quem veneravam como Deus, encerraram o discurso dizendo-lhe: “Nós te ouviremos falar sobre isso outra vez” (v. 32). Na realidade, não faltara antes quem o chamasse de “charlatão” (v. 18), demonstrando nisto uma certa grosseria ou pouco espírito de hospitalidade, mas, nesse ponto específico, não eram censuráveis. Os areopagitas tinham fortes razões em seu favor, embora uma leitura apologética dessa perícopie feita em âmbito eclesiástico, até mesmo teológico, sempre e piedosamente enfatizou a obtusidade mental daqueles filósofos e até lhes atribuiu má-fé, tornando-os culpados de terem rejeitado a verdade cristã.

Hoje, podemos reconhecer a parte saudável da reação dos filósofos de Atenas ao ouvirem Paulo afirmar: “Ora, sem levar em conta os tempos da ignorância, Deus ordena aos homens que todos e por toda a parte se convertam, porque ele estabeleceu um dia no qual deverá julgar o mundo com justiça, por meio de um homem que ele designou, oferecendo a todos uma garantia ao ressuscitá-lo dos mortos” (vv. 30-31). Tudo como autodeclaração a ser tomada sem a menor e objetiva validação.

33 É difícil estabelecer se por Areópago se entende a pequena colina de Ares, a noroeste da acrópole, ou o “conselho” que constituía a alta corte judicial de Atenas e que, no passado, se reunia naquele local, do qual tomou o nome, mas que, no tempo de Paulo, realizava as suas sessões em um edifício na ágora da cidade (www.bibbiaedu.it/CEI2008, comentário a At 17,19).

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE

As provas em defesa da ressurreição, se se pretende colocá-la no nível histórico, são amplamente insuficientes ou carentes de valor probatório, ainda mais se considerarmos a ênfase com que foi proclamada. A crença na ressurreição implica a fé e, portanto, pertence ao âmbito das escolhas e decisões livres. Se for transmitida como evento histórico, então deve ser aplicado o critério segundo o qual a eventos extraordinários devem corresponder provas do mesmo teor. É por isso que os critérios de verificação se elevaram hoje em relação ao limiar dos tempos dos apóstolos: que eram muito baixos, como se pode constatar no caso de aprovação e crença nos milagres. Sobre esse ponto, parece bom nos atermos a um segundo critério: o que não é válido aos nossos olhos como prova, podemos pensar que não era válido nem mesmo na época do Novo Testamento, embora se adaptasse melhor ao escasso e generalizado nível cultural da época, estando ainda muito distante a exigência de adotar critérios e métodos rigorosos de investigação. Portanto, deve-se presumir que aquilo que é totalmente improvável de ocorrer hoje – e de fato não ocorre – também não ocorreu no passado.

Há também outra razão substancial que leva a abandonar o caminho do milagre: hoje, tornou-se evidente que não conhecemos Deus o suficiente para poder atribuir-lhe “milagres”, entendidos como intervenções intracósmicas pontuais em resposta aos nossos pedidos e orações, que nós interpretamos como um cumprimento e inferimos com certeza que Ele é o seu autor, não tendo uma explicação no momento. Tal dedução não é apenas estranha à ciência, mas simplesmente vai além da capacidade de compreensão e

dedução da nossa mente.

Diante da ressurreição como evento não histórico, também é incongruente apelar para atitudes fideístas, isto é, dar o “salto” ou correr o “risco” da fé, porque isso não prova nada, e, em todo caso, ninguém age (ou deveria agir) na obscuridade da razão, mas sempre partindo e fundamentando-se, em princípio, em motivações congruentes com a razão, pelo menos no sentido de que possam ser acolhidas e avaliadas racionalmente.

Ao crente resta sempre um amplo espaço para um abandono confiante, ao mesmo tempo fruto da racionalidade e do sentimento, ao mistério de Deus, que é, além disso, o nosso próprio mistério. Isso faz parte do exercício da liberdade do ser humano, que implica ausência de constrição, assim como de impedimento. Porém, vale aqui, especialmente, o “mantra” de J. S. Spong: “O coração não pode amar aquilo que a razão rejeita.”

Se a ressurreição de Jesus não é um evento que pertence à história, é, porém, histórico que apóstolos e comunidade primitiva acreditaram nela, e possivelmente é histórica a experiência que está na sua origem, transmitida nos relatos pascais. Infelizmente, não estando descrito o fato da ressurreição, muito menos de alguma forma analítica, torna-se impossível estabelecer com certeza em que consistiu tal experiência, o que subjaz ao relato mítico-literário. Por isso, várias explicações foram dadas e continuam a ser dadas a ela, especialmente em chave psicológica, em todo o caso de marca naturalista, tais como: visão extática, alucinação (ligada à epilepsia, no caso de Paulo), dissonância cognitiva etc., e todas são mais ou menos prováveis.

Além disso, devido a um processo mitopoético previsível ou bastante frequente – ainda não em curso nas camadas narrativas mais antigas, que não relatam as aparições –, nasce em um segundo tempo a narrativa lendária, que introduz os encontros com o ressuscitado na forma de aparições e visões, com liberdade de enriquecimento nos detalhes e de embelezamento cenográfico, aos quais talvez não sejam estranhos os mitos de ressurreição e de apoteose celeste presentes no ambiente greco-romano e, em parte, já no bíblico. Assim como, aliás, estavam presentes no mundo pagão e no bíblico concepções milagrosas e nascimentos virginais, a serem reservados a heróis ou a personagens mantidos dentro do conceito de “salvadores”, aspecto visível também em âmbito cristão com os acréscimos tardios, em Mateus e Lucas, dos “evangelhos da infância”.

Segunda parte. Uma nova linguagem para a ressurreição

Falar da ressurreição de Jesus hoje, mas, em perspectiva, também da dos cristãos e eventualmente de todo ser humano, não é possível sem uma prévia desconstrução dela – como tentou-se fazer na primeira parte desta reflexão –, que leve a uma nova interpretação. De fato, ao mesmo tempo, é preciso elaborar uma linguagem nova, tanto verbal quanto conceitual, ou, para usar uma palavra evocativa, passar para um novo *midrash*, que não repugne à inteligência do cristão que

vive nas coordenadas humanístico-científicas da era atual.

Veremos brevemente como dois teólogos contemporâneos, representativos de muitos outros, abordaram a questão: o presbítero católico espanhol Andrés Torres Queiruga e o bispo episcopaliano estadunidense John Shelby Spong.

Mas, antes de passar aos dois autores cristãos, demos a palavra a um autor pagão do século II – conhecido apenas pelo nome de Celso –, voz da crítica corrente ao cristianismo, cuja obra, aliás, constitui “o primeiro ataque completo conhecido ao cristianismo”.³⁴

AS OBJEÇÕES DE CELSO (SÉCULO II D.C.)

Quase nada se sabe deste literato e platônico (talvez) grego, que viveu em Roma sob Marco Aurélio, e a obra pela qual ele ficou célebre felizmente escapou da sistemática destruição realizada pelas autoridades eclesiásticas e imperiais cristãs zelosas demais no momento em que o poder passou para as suas mãos. Trata-se do *Discurso da Verdade*, obra escrita em grego por volta do ano 180 e que chegou até nós por mérito do teólogo alexandrino Orígenes, que a relatou em um de seus escritos composto por cerca do ano 250, na “quantidade variadamente estimada entre 60 e 90 por cento”,³⁵ a fim de refutá-la, como o título já declara: *Contra Celso*.

Extrapolando todos os trechos transcritos por Orí-

34 Robert E. Van Voorst, *Jesus outside the New Testament: an introduction to the ancient evidence*, William B. Eerdmans Publishing, Grand Rapids, (Michigan) 2000, e-book, cap. 2: “Jesus in Classical Writings” [tr. it: Gesù nelle fonti extrabibliche. Le antiche testimonianze sul maestro di Galilea, San Paolo, 2004].

35 Ibid.

genes, pode-se “reconstruir” um texto autônomo bastante fiel ao original: é o que pensam os estudiosos que, como tal, o publicaram.³⁶

Um dos pontos salientes da polêmica de Celso gira em torno da fé na ressurreição. Celso se pergunta muito concretamente por que Jesus Cristo apareceu a algumas pessoas do seu círculo e não aos sacerdotes do Templo e a Pilatos:

Teria sido necessário, por sua vez, se Jesus verdadeiramente quisesse mostrar o seu divino poder, que ele fosse visto por aqueles mesmos que o caluniaram e por aqueles que o condenaram e, em suma, por todos.³⁷

Antes ainda, Celso levantava com lucidez a interrogação sobre o valor dos testemunhos de quem afirmou que o sepulcro de Jesus estava vazio e que o viu novamente vivo:

Enquanto vivo [Jesus] não conseguiu socorrer a si mesmo, em vez disso, enquanto morto, ressuscitou e mostrou os sinais da paixão e as mãos trespassadas: mas quem viu isso? Uma mulher endemoninhada [Maria de Magdala], como vocês mesmos dizem, e algum outro companheiro da mesma impostura ou sonhador por alguma disposição psíquica e visionário por sua própria vontade, no delírio da mente, o que já ocorreu a uma infinidade de pessoas.³⁸

Celso levantava as suas objeções referindo-se ao senso comum, ou a partir de um ponto de vista mais filosófico do que histórico e bíblico, mas que, mesmo

36 Cf. em italiano, Celso, *Il discorso vero*, organizado por G. Lanata, Adelphi, Milão 1987; Celso, *Contro i cristiani. Discorso della verità*, tradução e notas de Salvatore Rizzo, texto grego ao lado, Rizzoli-BUR, Milão 1989.

37 Celso, *Contro i cristiani*, cit., II, 63, p. 113.

38 Celso, *Contro i cristiani*, cit., II, 55 p. 113.

assim, são pertinentes. Ele capta nos evangelhos a relutância que o ressuscitado parece ter em aparecer, unida à surpreendente dificuldade inicial em ser reconhecido:

Quem, enviado como mensageiro, se esconde, enquanto deveria anunciar aquilo que lhe foi ordenado? Ou se deve dizer que, quando, de carne e osso, não acreditavam nele, ele anunciava incansavelmente a todos a sua notícia; quando, em vez disso, ressuscitando dos mortos, teria oferecido uma garantia segura, então ele apareceu às escondidas a uma única mulherzinha e aos da sua confraternidade? Quando era entregue ao suplício, todos o viam; quando ressuscitou, apenas uma pessoa o viu. Deveria ter ocorrido todo o contrário!³⁹

A crítica da antiguidade à ressurreição, que encontra em Celso um expoente qualificado, conserva um núcleo ainda válido, embora a formulação atual das interrogações tenha inflexões novas e exija respostas alinhadas com o enorme progresso do saber ocorrido nos últimos séculos. As duas interpretações modernas da ressurreição às quais agora nos voltamos se encaram disso.

ANDRÉS TORRES QUEIRUGA

Torres Queiruga⁴⁰ abordou o tema da ressurreição de Jesus em livros, artigos e conferências. Aqui faremos referência à sua contribuição presente em um

39 Celso, *Contro i cristiani*, cit., II, 70a-b, p. 113 e 115.

40 Nascido em Aguiño (La Coruña, Espanha), em 1940, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana e em Filosofia pela Universidade de Santiago de Compostela, é professor emérito de Filosofia da Religião nesta última. É um dos fundadores de *Encrucillada*, revista galega de pensamento cristão, e membro do Comitê Internacional de Direção da revista *Concilium*.

texto de vários autores, que mais tarde se tornou um opúsculo independente⁴¹, mas, sobretudo, à sua obra maior *Ripensare la risurrezione. La differenza cristiana tra religioni e cultura*.⁴² É uma obra da maturidade do teólogo compostelano, destinada a estabelecer um limiar de não retorno: quem quiser abordar esse argumento fará bem em se defrontar com a estrutura e as teses desse livro. A novidade de *Repensar a Ressurreição* não consiste tanto em propor argumentações inéditas – há também isso –, mas em tirar as consequências dos resultados da pesquisa histórico-crítica sobre a Bíblia e da análise do material teológico, valendo-se dos métodos e dos instrumentos disponíveis no nosso tempo.

O autor nos faz entrar no novo paradigma cultural – já lucidamente vislumbrado, entre outros, por Hans Küng –, do qual a teologia não poderá mais prescindir e deverá, em vez disso, vê-lo como uma autêntica oportunidade oferecida ao fiel de hoje desejoso de salvaguardar e motivar novamente a sua fé diante de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Trata-se de fazer emergir em que consiste o núcleo da fé na ressurreição de Jesus quando se vai além dos revestimentos míticos e milagreiros, das adaptações cenográficas, das construções didáticas e das exigências apologéticas da época inicial bem visíveis nas Escrituras cristãs. Só assim é que a ressurreição pode voltar a ser significativa e a dar esperança ao cristão, sem que ele tenha que mortificar a sua cultura ou se afastar dos

41 A. Torres Queiruga, “La resurrección: experiencia originaria e interpretación actual”, in: Jesús de Nazaret. Perspectivas, SM, Madrid 2003, pp. 160-213. O texto, ampliado, tornou-se, em tradução italiana, uma publicação autônoma, intitulada *La risurrezione senza miracolo*, La Meridiana, Molfetta (Bari) 2006.

42 EDB, Bolonha 2007 [em português, *Repensar a Ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*, São Paulo: Paulinas, 2004; n.d.t.].

modernos conhecimentos científicos. Uma tarefa nada pequena, tratando-se de um dos temas fundamentais do credo cristão, que Torres Queiruga soube abordar com competência e originalidade.

O ponto de partida

Uma apresentação exaustiva da obra em questão foge ao escopo desta contribuição, que por isso se limita a evidenciar algumas de suas linhas de fundo.

O autor insiste na distinção entre a fé na ressurreição e as suas explicações *teológicas*, considerando que é possível não crer nos milagres, nos de aparição no nosso caso, e até renunciar à ideia do desaparecimento do cadáver de Jesus do sepulcro, mas compartilham o mesmo núcleo de fé no ressuscitado de quem adota uma visão mais tradicional da ressurreição, entendida como o grande milagre do “corpo” de Jesus vivificado e espiritualizado. De fato, é preciso poder afirmar a ressurreição, sem vincular a própria fé ao túmulo vazio e às aparições “físicas” de Jesus. O mistério, aliás, permanece, tanto para uns quanto para outros.

Um sepulcro vazio?

Torres Queiruga prefere pensar que o túmulo de Jesus não ficou necessariamente vazio. Obviamente, ele não ignora a objeção de como foi possível, no início, pregar a ressurreição de Jesus se levantarmos a hipótese da presença do seu cadáver no sepulcro. Alguém ressaltou com razão que nem mesmo os judeus, que tentavam refutar os seguidores de Jesus, jamais insinuaram que o túmulo não estivesse vazio.

Paul Althaus, em particular, observa que a notícia ou *querigma* da ressurreição “não poderia ter resistido em Jerusalém nem mesmo um dia nem uma hora se o vazio do túmulo não tivesse sido constatado por todos os interessados como um fato real”.⁴³ Ao qual Torres Queiruga fornece uma explicação que vai em uma direção dupla. Em primeiro lugar, poderia ser impróprio falar de túmulo no que diz respeito à sepultura de Jesus. Segundo o costume romano, salvo exceções, os cadáveres dos condenados não eram entregues aos parentes, mas jogados em uma vala comum, podendo até se tornar presas de animais selvagens. Em segundo lugar, não se pode reconstruir um quadro preciso do que ocorreu após a morte de Jesus, e não se conhece o momento preciso do anúncio da ressurreição em Jerusalém. Além disso, Marcos 6,14,16 “mostra que se podia falar de ressurreição do Batista sem a necessidade de indicar o seu sepulcro vazio”.⁴⁴

A partir de uma perspectiva histórica, acerca da composição dos escritos do Novo Testamento, não podemos esquecer que o primeiro evangelho vê a luz 40/50 anos depois da morte de Jesus e depois das convulsões produzidas pela destruição de Jerusalém e pela dispersão dos seus habitantes em 70 d.C. Quantos podiam se lembrar ou se interessar pelos eventos de um túmulo de meio século antes, relatados por escritos que circulavam entre um número muito limitado de pessoas? Em tais escritos, teria sido possível contar e sufragar qualquer coisa, sem suscitar reações particulares no mundo ao seu redor, voltado a outras coi-

43 A. Torres Queiruga, *Ripensare la Risurrezione*, cit., pp. 91-92. Paul Althaus (1888-1966), teólogo luterano alemão, foi professor de Teologia Prática e Sistemática nas universidades de Göttingen, Rostock e Erlangen.

44 *Ibid.*, p. 93.

sas bem diferentes. Isso para mostrar o lado frágil de observações aparentemente sérias como as de Althaus, certamente não para atribuir intenções falsas aos autores dos evangelhos, embora seja certo que eles não escreveram crônicas nem história segundo os critérios modernos, pois, afinal, esse não era o seu propósito.

As visões ou aparições

Elas constituem “o fenômeno mais vistoso e de maior influência na configuração literária das narrativas”.⁴⁵ As aparições são um fenômeno possível, mas que deve ser situado no nível psicológico, ou seja, o da “*experiência universal da presencialidade dos entes queridos falecidos*”:⁴⁶

Não se pode negar que [experiências extraordinárias] poderiam ter ocorrido naquele ambiente que é, em si mesmo, muito imaginativo e hipersensibilizado pelos eventos; além disso, é evidente que, ao longo da história humana, incluindo a posterior, existiu uma grande série de experiências psicologicamente similares. O problema não está no fato (possível), mas sim no significado. Como vimos nos capítulos anteriores, uma coisa é a verdade e a honestidade psicológicas desse tipo de experiências, e outra coisa é o seu conteúdo real. Porque, uma vez rompida a compulsão do literalismo, é necessário levar a sério o fato evidente de que a fé na ressurreição implica por si só a impossibilidade de lhe atribuir um sentido realista: o Ressuscitado, precisamente pela sua glorificação, que o introduz de maneira definitiva na transcendência divina, está acima de toda percepção possível de caráter fisicamente constatável ou

45 Ibid., p. 197.

46 Ibid., p. 196.

manipulável.⁴⁷

A forte convicção de fé de que Jesus não permaneceu na morte, unida às regras aproximativas da transmissão oral e à preocupação inexistente da comunidade primitiva em dar uma ordem rigorosa às próprias tradições – talvez por uma incapacidade objetiva de fazer isso – e mais ainda, explica a diversidade não harmonizável dos relatos de manifestação do ressuscitado. Eis, em todo o caso, mais bem especificada a hipótese do nosso autor acerca da origem de tais relatos.

Foi o caminho fatigante, percorrido lenta e amorosamente pela experiência de uma comunidade que já partia da fé na ressurreição em geral e que também tinha algum vislumbre incerto de “ressurreições” que diziam respeito a personagens singulares e particularmente significativos. Uma comunidade profundamente animada pela fé em Jesus, em quem reconheceu uma manifestação única da presença salvífica de Deus, pelo surpreendente caráter de “autoridade”, plenitude e definitividade que envolvia a sua vida (aquilo que a teologia atual tenta expressar quando fala de “cristologia implícita”). Uma comunidade que, por último, viveu a terrível injustiça do assassinato daquele no qual acreditava e que, superando a confusão inicial e rompendo as expectativas naturais, soube reconhecer aqui, com as suas hesitações, mas de maneira nova e fecunda, a presença ressuscitadora de Deus que, sem intervir de modo empírico, não deixou Jesus cair no nada da morte, mas o elevou à plenitude da sua vida.

Esse é o trabalho de fundo que deu origem às narrativas pascais. Graças a elas, o seu fruto pôde chegar até nós, conseguindo envolver-nos apesar da perplexidade que a sua forma muitas vezes suscita. Essas narrativas refletem toda a riqueza da multiforme expe-

47 Ibid., pp. 197-198.

riência, individual e coletiva que, no período posterior ao drama do Calvário, animou os indivíduos e a comunidade: vivências extáticas de uma nova presença, processos de conversão e íntimas lembranças, emoções de sentimentos comunitários, experiências litúrgicas, imaginações catequéticas e recursos oratórios, reflexões exegéticas e teológicas... tudo isso e muito mais tinha que estar em ação em um momento de enorme receptividade e criatividade religiosa.⁴⁸

Nesse ponto, o estudioso do cristianismo das origens Antonio Piñero está em perfeita sintonia com Torres Queiruga, ao mesmo tempo em que diverge de outro:⁴⁹

Todo cristão dos primeiros tempos tinha dentro de si a sensação de que Jesus estava verdadeiramente vivo no meio do grupo, e cada um expressava em uma narrativa, que assumia a forma de uma história de aparição do Mestre, a sua experiência pessoal de uma crença comum. Uma experiência compartilhada se manifestava em nível pessoal em histórias diferentes.⁵⁰

O ressuscitado foi realmente visto?

A esse propósito, o autor exclui aquilo que para alguns teólogos – por exemplo, o bispo anglicano e estudioso do tema Nigel Tom Wright – teria sido possível, isto é, que uma câmera poderia ter captado as imagens de uma aparição pascal.⁵¹ O motivo está na impossibi-

48 Ibid., pp. 204-205.

49 Para as divergências, cf. a ampla resenha que Piñero dedica a Repensar la resurrección no seu blog, publicada em www.religiondigital.org nos dias 3, 4 e 5 de setembro de 2008.

50 A. Piñero, *Los cristianismos derrotados*, Edaf, Madrid 2007, p. 310.

51 Ibid., p. 167, nota 79, cf. p. 184: para N. T. Wright, a hipotética

lidade de “ver” quem está fora da dimensão do tempo e do espaço:

Na medida em que a ressurreição implica a fé na superação da morte, com a consequente ruptura dos condicionamentos espaço-temporais, ela só é concebível como máxima identificação do Ressuscitado com Deus. Por isso, o fiel confessa a presença de Cristo em toda a parte, sem limitação de tempo, ação ou lugar: é nessa identificação que consistem a sua grandeza, a sua glória e a sua divindade. Porém, isso implica que, na mesma medida, o Ressuscitado seja por necessidade intrínseca inacessível à captação sensível, necessariamente sujeita às condições de tempo e espaço.⁵²

Por isso, e se aceitarmos que “real não é o mesmo que empírico”, pode-se afirmar que a experiência da ressurreição de Jesus foi real sem ser empírica, isto é, sem nenhuma materialização da pessoa do ressuscitado. Uma diferença indubitavelmente sutil que Torres Queiruga explica assim:

[A] experiência para ser real não deve necessariamente ser empírica; caso contrário, Deus não seria de modo algum acessível, e Anthony Flew com a parábola do “jardineiro invisível” estaria absolutamente certo, seria irrefutável. Se o Ressuscitado não tem um corpo mundano, ele não é acessível aos sentidos; isso, creio eu, deve ser levado a sério. Visões, audições... sempre houve; mas são projeções psicológicas nossas, que não negam a realidade a que se referem, mas que não a retratam, nem são propriamente suscitadas por ela. Caso contrário, como explicar aquelas visões da Virgem que absolutamente não

câmera poderia ter filmado Jesus ressuscitado “às vezes sim e às vezes não”. Wright não tem dificuldade em tomar ao pé da letra que o ressuscitado também comeu, como se diz em Lucas, Atos e João. 52 A. Torres Queiruga, *Ripensare la risurrezione*, cit., pp. 98-99.

se assemelham à pessoa real (nem da época nem de hoje), ou as aparições do Menino Jesus, que nem sequer existe? Os videntes não enganam, porque creem ter visto; mas essa é a psicologia deles. Eu acredito, portanto, que Jesus realmente ressuscitou, vivo em pessoa; mas a sua realidade não é empiricamente acessível a nós, nem foi aos apóstolos, mesmo que a sua presença seja real, em última análise, mais real do que se fosse empírica, pois, nesse caso, seria limitada e precária.⁵³

Ressurreição e milagre

É um problema de não pouca importância: a ressurreição deve ser entendida como um milagre ou, melhor, o maior dos milagres, como foi ensinado até pouco tempo atrás? Hoje, talvez a maioria dos teólogos pareça concordar em admitir que a ressurreição de Jesus não se enquadra na ordem dos milagres, pois não pode dar evidências tangíveis dela.⁵⁴

53 E-mail do autor a este que escreve, datado de 25-09-2002.

54 Não faltam tentativas de conciliação: “A ciência não pode demonstrar o milagre da ressurreição de Jesus. Mas, tratando-se de ‘ressurreição física’ (Paulo VI), a ciência pode observar seus eventuais indícios” (Lorenzo Bianchi, “I dati osservati sulla Sindone e la testimonianza di Giovanni. Piccoli indizi della risurrezione di Gesù”, in: 30Giorni, n. 6-7, junho-julho 2008). Alguns, de fato, pensaram ter visto no Sudário de Turim “indícios” de ressurreição milagrosa, deixados pela energia radiante que teria desmaterializado o cadáver de Jesus: “A massa de um corpo transformou-se repentinamente em energia, conservando, de alguma forma, a própria fisicalidade” (Mikos Tarsis [pseudônimo de Enrico Galavotti], *Risorto o scomparso? Dal giudizio di fatto a quello di valore*, livro digital, in www.stores.lulu.com/galarico, 2018, p. 152). O Sudário “é apenas um testemunho de que, entre matéria e energia, existem relações cuja complexidade e profundidade ainda não nos são totalmente claras” (Ibid., p. 147). Embora a teoria quântica entre em jogo aqui, e a prudência seja uma obrigação para o nosso limitado conhecimento de tais processos, o caso do Sudário permanece não demonstrado até hoje, e, além disso, o autor não pretende interpretar isso em chave religiosa, pois isso lhe parece “mistificante” (Ibid., p. 152). Certamente não é esse o caminho a ser percorrido para uma nova apresentação da

Torres Queiruga, coerentemente com o que já foi desenvolvido em outras obras, nega o “intervencionismo divino” no mundo físico em todas as suas formas e, portanto, também para a ressurreição: “Tanto no caso das aparições, tornando visível fisicamente aquilo que é essencialmente invisível, quanto no do sepulcro vazio, transformando ou anulando um cadáver (se tais expressões, como foi insinuado, podem ter um significado)”⁵⁵ Ele também convida a evitar a tendência a “traduzir a experiência *não física* como *não experiência* simplesmente”⁵⁶

Então, surge instintivamente a suspeita de que, se levarmos a sério o caráter transcendente do Ressuscitado e, portanto, o modo não empírico de descobrir a sua presença, estaremos ameaçando ou até negando a realidade da ressurreição. Sem perceber que, no fundo, ocorre exatamente o contrário: dado que a nova visão do mundo, na qual não há mais lugar para o intervencionismo divino, é culturalmente adquirida por todos (mesmo quando as suas consequências não aparecem sempre nem imediatamente), a persistência desses esquemas está impossibilitando a fé na ressurreição (embora o processo nem sempre obedeça a um raciocínio consciente).⁵⁷

E oferece, a esse respeito, um significativo paralelo:

assim como não faz sentido dizer, literalmente, que o Ressuscitado subiu ao céu, assim também – e pela mesma razão – não faz sentido dizer que ele se deixou tocar com as mãos e ver com os olhos físicos ou, menos ainda, que se alimentou.⁵⁸

ressurreição.

55 A. Torres Queiruga, *Ripensare la risurrezione*, p. 124.

56 *Ibid.*, p. 152.

57 *Ibid.*, p. 152.

58 *Ibid.*, p. 151.

A referência do autor à ascensão leva a ressaltar que aquilo que se prega sobre a ressurreição também vale para a ascensão, pois, em última análise, elas pertencem ao mesmo gênero de narrativas. Com a ascensão – presente apenas em Lucas, Atos e fugazmente no final acrescentado de Marcos –, não estamos apenas em plena visão teísta, que coloca Deus lá em cima e lhe atribui intervenções ocasionais e milagrosas na esfera humana, aqui embaixo, mas também na livre criação literária para fins catequéticos.

A ascensão é vista hoje como inseparável da ressurreição, como complemento simbólico dela, tudo já incluído na primitiva expressão de fé: “Jesus está sentado à direita de Deus.”

Torres Queiruga conseguiu dilatar a teologia clássica até onde foi possível, mantendo-se, assim, no leito do dogma cristão/católico e sem rejeitar *totalmente* o teísmo – “Deus é mais do que pessoal”, “Deus cria por amor” são conceitos recorrentes nos seus escritos –, mas deixando entrever ou, melhor, assumindo positivamente a necessidade de abandonar a interpretação milagreira da ressurreição e, portanto, removendo-a da história factual e separando-a do tradicional vínculo férreo com o sepulcro vazio.

Para o nosso autor, é indiferente, para os efeitos da ressurreição, que um sepulcro – tanto o anônimo reservado aos condenados quanto o privilegiado disponibilizado por José de Arimateia – tenha eventualmente continuado a hospedar o corpo de Jesus. Ele crê na ressurreição de Jesus, sem crer em túmulos vazios e em aparições milagrosas. As visões são um fenômeno possível, mas que deve ser posto em um nível psicológico; nenhuma câmera de vídeo poderia ter filmado o

ressuscitado.⁵⁹

JOHN SHELBY SPONG

Spong⁶⁰ dedicou desde a primeira hora da sua atividade como teólogo uma obra à páscoa-ressurreição⁶¹, seguida de uma segunda,⁶² e concluiu a sua carreira com uma ampla explicação do mesmo assunto no livro em que comenta as suas conhecidas “12 teses” para uma grande reforma teológico-ecclesial.⁶³ O tema foi tratado diversas vezes pelo autor também na sua coluna semanal on-line “Question&Answer”, na forma justamente de respostas a perguntas dos seus leitores.

Aqui seguiremos o comentário contido em *Incredibile*, nos capítulos 22-25, dedicados à ressurreição e à ascensão. É com os 12 pontos dessa obra, todos de primordial importância doutrinal, que Spong entra decisivamente no paradigma pós-teísta e convida os cristãos de hoje a superarem a visão tradicional de Deus e

⁵⁹ *Ibid.*, cf. pp. 197, 205, 243-245.

⁶⁰ John Shelby Spong (1931-2021) foi bispo episcopaliano de Newark (Nova Jersey, EUA) por 24 anos. Nove dos seus livros estão disponíveis em tradução italiana, como se pode ver na bibliografia final.

⁶¹ J. S. Spong, *The Easter Moment*, Harper & Row, San Francisco 1980 (HarperCollins E-books, New York 2014).

⁶² J. S. Spong, *Resurrection. Myth or Reality? A Bishop's Search for the Origins of Christianity*, HarperSanFrancisco, San Francisco 1994.

⁶³ J. S. Spong, *Incredibile. Perché il credo delle Chiese cristiane non convince più*, Mimesis, Sesto San Giovanni (MI) 2020, p. 183. Para um breve comentário, cf. J. S. Spong, “Le 12 tesi. Appello a una nuova riforma”, in: J. S. Spong, M. López Vigil, R. Lenaers, J.M. Vigil, *Oltre le religioni. Una nuova epoca per la spiritualità umana*, Gabrielli, San Pietro in Cariano (Verona) 2016, pp. 69-120. Ele também aborda o assunto em vários capítulos dos seus livros: *Gesù per i non-religiosi. Recuperare il divino al cuore dell'umano* (2012); *Il quarto Vangelo. Racconti di un místico ebreo* (2013); *Letteralismo biblico: eresia dei gentili. Viaggio in un cristianesimo nuovo per la porta del Vangelo di Matteo* (2018); *Rescuing the Bible from Fundamentalism* (1991). Cf. bibliografia final.

do mundo por já ser inservível. Isso implica uma verdadeira metanoia ou mudança de mentalidade, pois, acolhida a primeira tese sobre Deus, só podem seguir, por concatenação lógica, todas as outras. Em suma, um virtuoso efeito dominó.

A tese n. 7, sobre a Páscoa:

O evento de Páscoa deu origem ao movimento cristão e continua a transformá-lo, mas isso não significa que a Páscoa tenha sido a reanimação física do corpo morto de Jesus que entra novamente na história humana. Os primeiros testemunhos bíblicos relatam que “Deus o ressuscitou”. Dentro de quê?, devemos nos perguntar. A realidade da experiência da ressurreição deve ser separada das suas sucessivas explicações mitológicas.⁶⁴

Spong pretende “oferecer um novo modo de compreender e apreciar essa pedra angular da fé cristã” que é a ressurreição de Jesus. Ele começa afirmando a importância que a páscoa-ressurreição de Jesus assumiu desde o início, tornando-se também a festa litúrgica mais importante dos cristãos. Porém, ela manifesta hoje muito claramente a conexão com a linguagem mitológica e a objetiva fragilidade dos testemunhos bíblicos que a sustentam:

[E]ssa inegável explosão de potência não se presta a uma explicação precisa e, portanto, nos obriga a reconhecer que, independentemente do que a Páscoa foi e é, só podemos abordá-la dentro do léxico do tempo e do espaço da existência humana, pois nenhum de nós pode fugir dos limites da nossa humanidade. Assim, ao longo dos anos, a Igreja ofereceu uma multiplicidade de explicações ligadas ao tempo e ao espaço. Elas estão contidas naquilo que nós chamamos de Evangelhos.

64 J. S. Spong, *Incredibile*, cit., p. 183.

Com o tempo, no entanto, descobrimos que essas explicações bíblicas – esses relatos da história de Jesus – estavam cheias de contradições. Como essas explicações ao longo dos séculos foram tomadas ao pé da letra, elas fizeram com que o fato de crer na ressurreição se tornasse cada vez mais difícil, até se tornar inconcebível.⁶⁵

Spong reitera a impossibilidade de conciliar os dados pascais relatados pelas fontes neotestamentárias, embora, em âmbito cristão, isso ainda não esteja pacificamente adquirido:

Não se pode harmonizar o conteúdo contraditório dos relatos pascais da Bíblia, por mais que nos esforcemos. Essas fontes estiveram à disposição das pessoas desde o fim do primeiro século, o que significa que esses fatos permaneceram à disposição da Igreja cristã por cerca de dois mil anos! Realmente poucas pessoas, no entanto, dedicaram tempo para ler, refletir ou pelo menos perceber as contradições.⁶⁶

Alguns até veriam nas desarmonias entre os evangelhos a propósito da ressurreição a prova de que eles não estão “copiando”, mas se baseando em uma experiência própria ou se atendo a fatos realmente ocorridos. Esse argumento, porém, não é convincente, por uma dupla motivação:

No mundo de hoje, as pesquisas acadêmicas e críticas sobre os relatos bíblicos inevitavelmente trazem logo à tona dois fatos. Primeiro, embora nenhuma palavra do Novo Testamento tenha sido escrita sem uma resoluta dedicação à realidade da experiência da Páscoa, nenhuma das fontes da Bíblia consiste em relatos de testemunhas oculares de

65 Ibid., p. 185.

66 Ibid., p. 187.

primeira geração. Segundo, dificilmente se encontra um detalhe da Páscoa afirmado em uma parte do Novo Testamento que não seja contrariado em outra. Os cristãos tradicionais tentam se defender dessas duas verdades com a ignorância bíblica. A geração secular rejeita o cristianismo porque demonstra tão pouco senso lógico.⁶⁷

Nascimento virginal e ressurreição, em certo sentido, se referem mutuamente, porém Spong ressalta a diferença entre os dois:

Consideramos o nascimento virginal como uma explicação mitológica das origens de Jesus, [...] foi uma tradição que se desenvolveu tardiamente e entrou pela primeira vez na história cristã na nona década da sua era. A ressurreição, por sua vez, foi a experiência que deu origem ao cristianismo.⁶⁸

[A]penas dois dos cinco maiores escritores do Novo Testamento falam também de um nascimento milagroso, tornando-o secundário e não central para a história cristã, enquanto não há versículo do Novo Testamento que não pressuponha a realidade da experiência da Páscoa.⁶⁹

Em seguida, Spong passa a analisar as fontes cristãs primitivas, partindo obviamente de Paulo, que descreve a Páscoa do modo mais breve – Jesus “foi ressuscitado ao terceiro dia segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4) –, atribuindo a Deus a sua iniciativa. Além disso, a expressão paulina de que Jesus está “à direita de Deus” (Rm 8,34) corresponde, segundo Spong, àquela que se tornará em Lucas e em Atos a cena da ascensão de Jesus ao céu.

67 Ibid., p. 186.

68 Ibid., p. 188.

69 Ibid., p. 188.

Para Paulo, a ressurreição coloca Jesus à direita de Deus, não o faz retornar à história humana:

Em Romanos, Paulo indica que esse Jesus, que foi ressuscitado dos mortos, está “à direita de Deus” (Rm 8,34). Ah, mas isso, dizemos nós, simplesmente descreve o Jesus que, depois da sua ressurreição, subiu ao céu e, portanto, à sua posição privilegiada na presença de Deus. O único problema com essa explicação simples e rápida é que o relato da ascensão de Jesus só entra na tradição cristã cerca de vinte e cinco ou trinta anos após a morte de Paulo, quando é Lucas quem o escreve. Paulo não podia se referir a algo que ninguém jamais ouvira. Para Paulo, a própria ressurreição coloca Jesus “à direita de Deus”, não o faz retornar à história humana. Para a maioria de nós, essa é uma ideia nova.⁷⁰

Marcos, o primeiro evangelho a ser escrito, não tem nenhum relato do Cristo ressuscitado que aparecem a alguém:

Marcos, o primeiro Evangelho a ser escrito, não tem nenhum relato do Cristo ressuscitado que aparece a alguém em nenhuma parte das suas páginas. Esse fato surpreende a muitos. E isso preocupava tanto os primeiros cristãos que eles continuaram escrevendo novos finais do Evangelho de Marcos para cobrir essa falha bastante evidente. A grande maioria dos estudiosos do Novo Testamento hoje sustenta o fato de que Marcos terminou o seu Evangelho exatamente como o encontramos em 16,8. O mensageiro vestido de branco parece dizer: vocês compreenderão o significado da ressurreição quando voltarem para as suas casas e recomeçarem as tarefas da vida de vocês.⁷¹

Mateus é o primeiro a relatar Jesus ressuscitado

70 Ibid., pp. 188-189, passim.

71 Ibid., pp. 199-201 e nota 1, passim.

sendo visto por alguém. Ele incrementa o milagroso e preenche as “lacunas” de Marcos:

Cerca de uma década depois de Marcos, foi escrito Mateus [... que] toma material emprestado amplamente dessa fonte anterior. No entanto, ele faz algumas mudanças. Mateus amplifica o milagroso e fecha todas as lacunas que ele acha que Marco deixou. As mulheres de Mateus são fiéis, muito mais do que em Marcos. Elas vão imediatamente dizer aos discípulos aquilo que viram e ouviram. São recompensadas por Mateus por essa fidelidade com uma aparição do Cristo ressuscitado (Mt 28,8-10). Esse é o primeiro relato, na Bíblia inteira, de um Jesus ressuscitado que é visto por alguém. Estamos na nona década.⁷²

Segundo Lucas, o corpo do Cristo ressuscitado parece ter recuperado a plena fisicidade:

Depois, é Lucas quem escreve, cerca de uma década depois. Já nesse período, o pensamento literalista começou seu próprio trabalho de falsificação da mensagem. O mensageiro de Marcos, que se tornou um anjo em Mateus, se transformou agora em Lucas em dois anjos (Lc 24,4). O corpo de Cristo se tornou físico de maneira inequívoca.

[S]e ele foi fisicamente trazido de volta da morte novamente para a vida física deste mundo, então, de algum modo, ele também deve ser capaz de ser retirado fisicamente da terra, pois o seu destino eterno é estar com Deus.⁷³

Para João, não importa tanto a visão de um corpo ressuscitado, mas sim a convicção de que a barreira da morte foi superada:

Ao entrar [no sepulcro] encontraram-no bas-

72 Ibid., p. 201, passim.

73 Ibid., pp. 202-203, passim.

tante vazio; havia apenas as vestes fúnebres. Pedro fica perplexo, mas nos é dito que o discípulo amado crê. A convicção da ressurreição no Quarto evangelho, portanto, nasce não da visão de um corpo ressuscitado, mas da consciência de que os limites da morte foram superados. “[B]em-aventurados aqueles que não viram e creram!”⁷⁴

Em Spong, em última análise, temos uma interpretação da ressurreição em termos não-teístas⁷⁵, isto é, que prescindem do grave antropomorfismo das fontes cristãs, como evidenciam as seguintes citações:

A ressurreição, creio agora, não foi um ato físico. Nenhum corpo falecido jamais saiu de nenhum sepulcro, deixando-o vazio, para retomar a sua vida anterior no mundo. Essa foi a experiência na qual nasceu uma nova “visão” tanto de Deus quanto da vida. Essa experiência foi tão grande a ponto de poder ser chamada de ressurreição? Eu considero que assim foi. Essa mesma experiência de ressurreição deve agora mudar o modo como nós entendemos a Deus e, portanto, o modo como entendemos o culto.⁷⁶

A experiência da Páscoa no Novo Testamento, ao contrário do que ao longo dos anos nos foi ensinado tradicionalmente, não diz respeito a corpos que saem dos sepulcros. É muito mais profunda do que isso. Diz respeito a Deus que é visto na vida humana. Por “Deus” não me refiro a um Deus sobrenatural e invasivo, que viola as leis da natureza para entrar no espaço e no tempo. Refiro-me a uma dimensão transcendente da vida em que todos podem entrar, uma experiência em que

74 Ibid., pp. 203-204, passim.

75 Para se ter uma ideia imediatamente compreensível do que se entende por “teísmo”, basta abrir o Missal Romano, terceira edição, ano 2020, e ler algumas das orações, das orações eucarísticas, das missas para os sacramentos e, em particular, pelos falecidos com os seus prefácios, ou o Rito das Exéquias, edição de 2011.

76 J. S. Spong, *Incredibile*, cit., p. 198.

a vida se expande, o amor é ilimitado, e o ser é enriquecido. Refiro-me ao Deus cuja presença e cujo poder nos chamam todos à nossa unidade essencial, à nossa consciência universal, à nossa interconexão. Fazemos parte de quem e do que é Deus. Esse, em última análise, é o sentido da ressurreição.⁷⁷

A ascensão, complemento da ressurreição

A ascensão é entendida pelos modernos biblistas e teólogos – como já visto em Torres Queiruga – não como um evento distinto da ressurreição, mas como uma integração simbólica dela. Essa é também a linha interpretativa de Spong, que dedica a “tese” número 8 à ascensão:

O relato bíblico da ascensão de Jesus pressupõe um universo em três níveis, um conceito que foi descartado cerca de quinhentos anos atrás. O fato de a ascensão de Jesus ter sido um evento literalmente histórico é algo que vai além da capacidade das nossas mentes do século XXI de aceitarem ou serem. A ascensão tem algum outro significado ou devemos defender a astrofísica do primeiro século?⁷⁸

Spong, recorrendo a uma intuição do seu mentor Michael Goulder, vê o relato dos evangelhos sinóticos se desdobrando no âmbito do culto sinagoga, do qual os discípulos de Jesus participavam no início e que depois se desenvolveram com características próprias no momento da separação do judaísmo. É por isso que a provável fonte inspiradora dos relatos da ascensão e da subsequente efusão do Espírito Santo – ambas relatadas apenas por Lucas em todo o Novo Testamento – deve ser identificada nos relatos de Elias e Eliseu, que

77 Ibid., p. 204, passim.

78 Ibid., p. 205.

são lidos no Segundo Livro dos Reis:

O esquema do ano litúrgico da sinagoga serviu como princípio organizador dos três Evangelhos sinóticos [...]. Assim que começamos a compreender o esquema, abre-se uma fissura no significado original dos Evangelhos sinóticos e podemos começar a ver por que tantos relatos das Escrituras hebraicas foram simplesmente recuperados por esses textos antigos, ampliados e envolvidos em torno de Jesus de Nazaré.⁷⁹

O relato [...] mais evidente de Elias, que Lucas narra novamente sobre Jesus, é o da ascensão. Lucas viu Jesus como o novo Elias, mas acreditava que ele estava muito mais cheio da presença de Deus do que o primeiro Elias. O novo Elias não precisava de uma carruagem mágica puxada por cavalos de fogo e não precisava de um redemoinho enviado do céu. Como aquele que havia sido enviado por Deus e estava cheio de Deus, ele voltaria para Deus por si mesmo. Além disso, Jesus [...] possuía o Espírito Santo de Deus, que podia ser enviado não apenas a um único discípulo, mas a todos os seus discípulos daquele tempo e de todas as épocas.

Lucas sabia que a sua história da ascensão, junto com a sua descrição do Pentecostes, não era história literal, mas também sabia que o amor inclusivo de Deus era universal e assim compôs tal relato. Hoje somos convidados a escutar o seu significado e a abandonar a sua interpretação literal. A verdade evangélica nunca poderá ser contida pelo léxico da nossa humanidade. O relato da ascensão é poderoso e real, mas não é e nunca foi pensado para ser literalmente verdadeiro.⁸⁰

79 Ibid., p. 208.

80 Ibid., pp. 209-211, passim.

CONCLUSÕES RESUMIDAS

1. No novo paradigma cultural, que em referência ao aspecto religioso é denominado de pós-teísta, em que o cristianismo também está entrando, ressurreição e ascensão entendidas em sentido literal e, portanto, nas coordenadas do milagre e da história não encontram mais lugar. A visão teísta do mundo tornou-se obsoleta e está simplesmente desaparecendo. Os relatos da ressurreição do Novo Testamento, ainda tomados ao pé da letra até em academias teológicas, pedem muito, mas demonstram pouco, ou seja, pretendem condicionar toda a existência dos fiéis, e até mesmo o além, mas não superam os padrões mínimos de prova que tal pretensão deveria oferecer.

Estudiosos e teólogos, anglo-saxões em particular, talvez não mais crentes, mas nem por isso menos dignos de atenção, formularam um princípio, em si mesmo evidente, mas que permaneceu sempre na sombra ou dificilmente explicitado em ambiente cristão, que se refere à célebre navalha de Ockham: “Reivindicações extraordinárias exigem provas extraordinárias.”⁸¹ Ele é acompanhado por uma “regra de ouro” para testar uma crença religiosa: “Façam à sua fé aquilo que vocês fazem às outras fés”, ou seja: “Examinem a sua fé com o mesmo ceticismo justificado com que examinam as fés religiosas que vocês recusam.” Caso contrário, o jogo é injusto, embora isso seja bastante habitual nas instâncias da teologia cristão-católica.

81 “Pretensões excepcionais requerem provas excepcionais” e, especificamente, “O que pode ser afirmado sem provas também pode ser descartado sem provas” (Christopher Hitchens, *Dio non è grande. Come la religione avvelena ogni cosa*, Einaudi, Torino 2007, e-book, capítulo X).

2. A prova da ressurreição de Jesus se baseia, em última análise, nas aparições, que podem ser remetidas a experiências místicas ou a fenômenos alucinatórios. Tais experiências são relatadas de modo a apresentar deformidades e incoerências que não permitem a reconstrução de um acontecimento ao qual se possa atribuir valor histórico. Uma tabela que ofereça uma visão de conjunto dos relatos da ressurreição já basta para evidenciar a impossibilidade de harmonizá-los: “É um caos”, segundo a certa expressão de Karl Barth.⁸² Recordamos apenas um ponto emblemático, dentre os listados no início, na Primeira parte, com as palavras de um ilustre estudioso: “O relato mais antigo da ressurreição de Jesus (1Cor 15,3-5) cita as aparições sem falar de um túmulo vazio, enquanto o Evangelho mais antigo, Marcos, narra a descoberta do túmulo vazio sem nomear nenhuma aparição (Mc 16,1-8).”⁸³ Pois bem, não tirar nenhuma consequência de tal macroscópica carência de confiabilidade histórica revela um defeito de método de investigação, além de lógica.

3. O abalo emocional ou a alteração de consciência, após a morte de Jesus, pôde ser fruto de uma ou mais causas, incluindo:

- o luto não adequadamente elaborado após o trauma pelo seu dramático fim;
- o sentimento de culpa por ter adotado, com a fuga, uma atitude covarde, embora compreensível, no momento da captura de Jesus;

82 In A. Torres Queiruga, Ripensare la Risurrezione, cit., p. 32.

83 Bart D. Ehrman, E Gesù divenne Dio. L'esaltazione di un predicatore ebreo della Galilea, Nessun Dogma, Roma 2017, e-book, capítulo 4, subtítulo “La resurrezione nei Vangeli”).

- a frustração pelo abandono de um projeto “político” vislumbrado com Jesus, o de um “reino de Deus” que traria mudanças importantes, como bem refletido em Lc 24,21: “Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel”;

- a falta de disponibilidade do seu corpo, sem nem mesmo saber onde foi sepultado, no caso totalmente provável de uma vala comum;

- a facilidade à sugestão em alguns dos protagonistas da primeira hora: Maria de Magdala, alguma outra das mulheres que seguem Jesus ou alguém do grupo dos apóstolos, no momento de experimentar uma forte dissonância cognitiva⁸⁴, isto é, a decepção com o desaparecimento das expectativas que haviam posto em Jesus.

4. O conflito entre crença e realidade, desencadeado pela dissonância cognitiva, muitas vezes encontra uma fuga na “racionalização”. É um conceito da psicologia social que o estudioso estadunidense Kris Komarnitsky retoma e utiliza com ênfases próprias. Ele indica aquele fenômeno pelo qual “nós, seres humanos, temos uma tendência, quando cremos ou queremos crer profundamente em algo, de buscar e de chegar a conclusões que confirmem aquilo em que já cremos ou queremos crer. Essa tendência pode levar a demonstrações extraordinárias de racionalização quando as convicções fortemente defendidas são inevitavelmente desmentidas pela realidade, a ponto de

84 Bem ilustrada por F. Bermejo, in *L'invenzione di Gesù di Nazaret. Storia e finzione*, Bollati Boringhieri, Torino 2021, e-book, cap. XI: “Aspettative frustrate: la dissonanza cognitiva”; “Meccanismi di riduzione della dissonanza”.

darem origem a novas convicções”.⁸⁵ Esse mecanismo precisamente entrou em ação no caso dos primeiros discípulos de Jesus diante da “deprimente tomada de consciência de que as expectativas estavam erradas, de que Jesus não era o Messias esperado”, e que os levou a darem a tudo o que havia ocorrido – incluindo textos bíblicos *ad hoc* – uma nova interpretação, que de alguma forma resgatasse o fracasso de Jesus e lhes abrisse uma nova perspectiva para seguirem em frente. Para Komarnitsky, tal “racionalização da dissonância cognitiva” devido ao triste fim de Jesus é o fator que mais bem explicaria os fenômenos *subsequentes* de visões e aparições d’Ele como ressuscitado.

5. Visões e audições do ressuscitado parecem encontrar explicação no fato psíquico de tipo alucinatório ou de projeção mental, produzido em algumas das primeiras discípulas e discípulos de Jesus diante da miserável morte do rabi de Nazaré. A experiência de luto e de derrota que estavam vivendo, o abismo de desconforto em que haviam caído, o enorme desalento diante da sua fé e da ardente nostalgia levaram alguns deles à íntima convicção de perceber a sua presença, de vê-lo e senti-lo ainda vivo e, portanto, de comunicar isso aos outros e, desse modo, transformar essa vivência em uma convicção compartilhada.

Com a fé em Deus, que certamente teria dado nova vida a Jesus, superaram aquele triste momento e chegaram até a experimentar estados de êxtase. Trata-se de fenômenos comuns, rastreáveis um pouco em todas as épocas e culturas. O caso de Paulo de Tarso, embora

85 Do seu artigo “The Rationalization Hypothesis: Is a Vision of Jesus Necessary for the Rise of the Resurrection Belief?” (cf. Bibliografia).

com características específicas, enquadra-se emblematicamente nessa tipologia.

6. Relatos históricos de eventos distantes no tempo tendem naturalmente a ser integrados com palavras e ações livremente criadas pelos autores. Era uma prática comum e admitida pelos antigos, da qual temos um exemplo nos discursos de Péricles do historiador ateniense Tucídides, embora seja contemporâneo dos acontecimentos relatados. Porém, ele adverte o leitor que tentou cobrir as lacunas de informação da maneira mais apropriada às circunstâncias.⁸⁶ Os evangelistas não fazem tal declaração⁸⁷ e, além disso, não tendo o propósito de transmitir a história, senão por fragmentos, deve-se supor que eles se concederam alguma licença, passável nos antigos historiadores por ofício e certamente não admissível nos historiadores modernos. Os relatos de visões e aparições pascais do ressuscitado prestavam-se particularmente a isso. O que os evangelistas escrevem, décadas após o desaparecimento de Jesus, como se fosse um acontecimento pontual, pode ser mais adequadamente interpretado como a descrição de “representações emocionais e psíquicas”:

A reinterpretção de Jesus se deveu ao que aconteceu depois da morte do Mestre e do seu provável sepultamento em uma vala comum, razão pela qual o seu corpo nunca foi encontrado. Provavelmente é por isso que as mulheres do grupo, que não tinham abandonado Jesus nos seus últimos momentos, ao contrário dos homens, logo ficaram absolutamente convencidas de que Jesus não estava

86 Tucídides (cerca de 460-400), A Guerra do Peloponeso (I, 22).

87 Encontramos algo do gênero no início de Lucas e no fim de João, mas, mais do que assunção de responsabilidade histórica, trata-se de referências ao testemunho de fé com objetivos apologéticos.

morto para sempre... Deus o havia ressuscitado! O Mestre estava de novo espiritualmente vivo no meio deles! Sim, estava vivo e havia sido exaltado ao céu! As mulheres, assim convencidas, transferiram essa convicção para os discípulos homens.⁸⁸

7. Pode-se falar de um “estado alterado de consciência” em relação aos protagonistas das visões do ressuscitado, sem inflexões negativas: simplesmente no sentido de uma vivência interior diferente do normal. Obviamente, é mais fácil que tais alterações ocorram em pessoas que têm alguma predisposição, tanto natural quanto patológica, a incorrer em tais experiências. Torres Queiruga observa oportunamente:

[N]ão se pretende afirmar que tais fenômenos não ocorrem subjetivamente nem, muito menos, acusar de mentira quem afirma experimentá-los. Significa unicamente que se trata de experiências psíquicas, de visualizações ou imaginações de convicções íntimas. Convicções que podem ter um referente real – o místico na sua visão se conecta realmente a Cristo – sem que a forma em que se apresenta o seja.⁸⁹

8. Para os fenômenos de que tratamos, não devemos esquecer que eles ocorrem em um ambiente já impregnado da crença neles, que os aceita sem escrúpulos particulares, porque fazem parte do seu substrato cultural e que carece dos conhecimentos adquiridos séculos depois e dos instrumentos científicos de investigação de que a era moderna dispõe.

Acrescente-se a isso a busca dirigida nas Escrituras

88 A. Piñero, *El Jesús que yo conozco*, Editorial Adalíz, Sevilla 2017, p. 250.

89 A. Torres Queiruga, *La risurrezione senza miracolo*, La Meridiana, Molfetta (BA) 2006, p. 42.

hebraicas, por parte dos primeiros seguidores de Jesus, daquilo que pudesse, de algum modo, fazer com que a história do seu rabi se enquadrasse em um desígnio divino, precisamente nos seus aspectos mais trágicos ou falimentares. No fim, naquele grande caldeirão que é a Bíblia, eles conseguiram encontrar – não importa o quanto os textos foram forçados para esse fim – as peças justificativas que buscavam esperançosamente.⁹⁰

9. Uma explicação concomitante para a origem dos relatos de aparições-visões é a da narrativa literária de um conteúdo de fé, para fins didáticos e teológico-apologéticos. Cada vez que o ressuscitado aparece, dialoga com os presentes, deixa-se tocar e até come com eles, estamos diante de uma transposição cenográfica de convicções que pertencem ao âmbito da fé. Isso porque

As proclamações nunca permanecem como meras proclamações; inevitavelmente, elas criam uma narrativa para explicá-las. Jesus vive tornou-se: “Vimos o Senhor” e deu origem ao longo do tempo a todas as histórias de aparições.⁹¹

10. Paulo parece muito interessado em estabelecer se a ressurreição de Cristo era garantia da ressurreição dos mortos em geral ou se a ressurreição dos mortos era o fundamento da de Cristo, o que constituiria, portanto, um caso especial da regra geral:

Ora, se anunciamos que Cristo ressuscitou dos mortos, como podem dizer alguns de

90 Cf., A. Piñero, *El Jesús que yo conozco*, cit., p. 251.

91 J. S. Spong, in *Rescuing the Bible from Fundamentalism: A Bishop Rethinks the Meaning of Scripture*, HarperCollins, San Francisco 1991, e-book, capítulo 13.

vocês que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, nem Cristo ressuscitou! Mas, se Cristo não ressuscitou, então nossa pregação é vazia, vazia também é a sua fé (1Cor 15,12-14).

Outro ponto de interesse era a aparência que os ressuscitados assumiriam: para Paulo, no pano de fundo do pensamento judaico, estava prevista uma recuperação do corpo, embora espiritualizado, pois a imortalidade da alma presente na mentalidade grega dos fiéis de Corinto não podia bastar.

O problema para nós se levanta de um modo diferente, porque mudaram os termos da questão: por um lado, a ressurreição de Jesus e a dos fiéis não estão absolutamente demonstradas ou são racionalmente demonstráveis, embora possam ser assumidas em uma linha de fé/esperança, e, por outro lado, desapareceu do nosso horizonte cultural a possibilidade de entender a ressurreição do mesmo modo que Paulo e a comunidade apostólica entendiam no que diz respeito ao corpo. Enquanto Paulo permanece mais leve sobre o aspecto “físico” e insiste no “corpo espiritual”, em Mateus, Lucas e João encontramos um crescendo na acentuação da fisicidade do ressuscitado, o que complica ainda mais a questão. Uma ressurreição físico-corpórea é dificilmente concebível hoje, e, conseqüentemente, a interrogação ou dilema formulado por Paulo em 1Coríntios 15,12-14 está destinada, para nós, a se dissolver por carência de fundamento e de sentido.

11. Eis, na síntese de Spong, o que um cristão de hoje não pode aceitar do relato literal que os Evangelhos fazem da ressurreição:

A linguagem da ressurreição nos Evangelhos é literalmente um absurdo. Os terremotos não anunciam eventos terrenos. Os anjos não invadem o tempo, o espaço e a história para moverem uma pedra, para anunciarem uma ressurreição histórica. O Jesus ressuscitado não sai do próprio túmulo em alguma forma física com a qual possa comer, beber, caminhar, falar, ensinar e explicar as Escrituras. Essa pessoa fisicamente “ressuscitada” não aparece e desaparece a seu bom grado, não caminha através das paredes, nem convida os duvidosos a tocarem em suas feridas. Ele não pode ter permitido a pesca milagrosa no Mar da Galileia, ou ter se afastado dos discípulos desafiando a força da gravidade e ascendendo ao céu de um universo em três níveis. Todas essas coisas são relatos interpretativos utilizados no processo da explicação humana em que uma experiência interior que muda a vida foi habilitada a ser comunicada na linguagem da história mediante o uso de símbolos externos.⁹²

12. O novo relato interpretativo da ressurreição não poderá prescindir de algumas aquisições que, se não são absolutamente novas, certamente o são por causa da inédita estrutura cultural dos cristãos de hoje a quem cabe compô-lo:

a) as religiões são um construto humano⁹³, uma

92 J. S. Spong, *Gesù per i non-religiosi. Recuperare il divino al cuore dell'umano*, Massari Editore, Bolsena (VT) 2012, p. 188.

93 “[T]odas as religiões são feitas de mamíferos comuns e não contêm segredos nem mistérios” (C. Hitchens, *Dio non è grande*, cit., e-book, capítulo X). Até mesmo a “revelação” cristã – todas as principais religiões apelam para a sua própria – pode e deve ser compreendida sem recorrer ao “milagre”. A revelação entendida como uma espécie de ditado, “seria aceitar algo como palavra de Deus, porque alguém diz que Deus lhe disse para o dizer aos outros” (A. Torres Queiruga, in: AA. VV., *10 Palabras clave en Religión, Verbo Divino*, Estella 1992, p. 180). “No decorrer de um diálogo sobre o

nobre e ao mesmo tempo interessada tentativa de dar sentido à experiência humana e de sedar a angústia existencial, sobretudo diante da morte; as religiões satisfazem também exigências de poder e de ordenamento das sociedades humanas;

b) o milagre, que toda religião exhibe, mais cedo ou mais tarde encontra uma explicação, e, em todo o caso, como já mencionado, ninguém pode se sentir autorizado a atribuí-lo à intervenção de Deus, porque a nossa mente não tem a capacidade cognitiva e interpretativa de estabelecer tais conexões, que pressupõem ter alcançado a Realidade última que chamamos de Deus, embora justamente a cristandade tenha alimentado durante séculos a ilusão de tê-la circunscrito e definido;

c) os fiéis podem e devem explicar a ressurreição sem recorrer à categoria do milagre, que não é o “milagre-mistério” da Fonte da vida que está na origem do cosmos e do ser humano;

d) a ressurreição não pode ser provada na dimensão da história, com base em fenômenos como visões, aparições e locuções, nem mesmo na filosofia, pois ninguém pode dar por demonstrado ou até por evidente que Deus como tal está envolvido;

e) originalmente, nas Escrituras cristãs, eram usados apenas verbos passivos para descrever o evento pascal: é Deus quem ressuscitou Jesus; ressurreição e ascensão eram um ato único por iniciativa de Deus, e ateísmo e o cristianismo, um participante notável pela sua argúcia indicou que uma das razões pelas quais havia abandonado a teologia confessional era que a revelação era inaceitável para uma consciência crítica: ele não podia aceitar algo ‘porque Isaías diz nos que Deus lhe disse, mas não temos meios para acessar nenhum tipo de verificação’” (A. Torres Queiruga, Repensar la revelación. La revelación divina en la realización humana, Trotta, Madrid 2008, p. 116).

antes que os dois aspectos fossem separados, a palavra “exaltação” os cobria a ambos: “Deus o exaltou”, lemos em Filipenses 2,9; nessa passagem, que poderia refletir uma das profissões de fé mais antigas do Novo Testamento, não se fala de ressurreição, as palavras passam diretamente da morte na cruz para a exaltação no céu.⁹⁴

13. Nota-se uma circularidade no discurso teológico e confessional sobre a ressurreição de Jesus – que, aliás, é a mesma das fontes neotestamentárias – que vai da fé à fé; portanto, sem aduzir nenhum elemento novo para a sua fundamentação. Tal circularidade poderia ser assim articulada:

a) Parte-se da fé na ressurreição, presente nos livros mais tardios da Bíblia, como exigência de justiça para aqueles que haviam ido ao encontro do martírio ou haviam sofrido abusos atrozes.

b) Com base na fé de Israel, mesmo que não aceita por todos, enxerta-se a fé na ressurreição e exaltação de Jesus junto de Deus, embora ninguém tenha sido testemunha ocular do evento. Ela se originou de uma experiência, expressa nos termos de visão-aparição de Jesus como ressuscitado da morte, impossível de especificar, porque a sua dinâmica não é descrita em nenhum lugar e, menos ainda, em termos realistas. A análise das fontes – cartas de Paulo e os quatro Evangelhos – remete a uma provável vivência psíquica, devido a uma gama bastante ampla de fatores tanto individuais quanto comunitários.

c) Tal experiência, em todo o caso, confirmou
94 Cf., para essas considerações, J. S. Spong, in *Rescuing the Bible from Fundamentalism: A Bishop Rethinks the Meaning of Scripture*, HarperCollins, San Francisco 1991, e-book, capítulo 13.

a fé de partida comum na ressurreição – e voltamos ao ponto “a” –, embora constitua um caso especial dela, pois antecipa a dos justos e, a partir daquele momento, não só se anuncia que “se não há ressurreição dos mortos, nem mesmo Cristo ressuscitou”, mas também e sobretudo que, “se Cristo ressuscitou, então há ressurreição dos mortos” (cf. 1Cor 15,12-14).

14. Dadas as considerações precedentes, segue-se daí que a ressurreição só pode ser acolhida em um horizonte de fé, sem a vincular à dimensão espaço-temporal, típica da existência terrena, e sobre o pano de fundo de uma confiança mais do que compreensível de que a vida humana pode ter um resultado positivo: que permita ao menos não perder a própria autoconsciência e ver o triunfo do bem e da justiça, tendo como base última o insondável e tremendo mistério de Deus, do qual faz parte também o do ser humano.

Esta conclusão, que pode parecer mínima em relação a um fenômeno considerado grandioso e fundacional, contém implicitamente o convite a ver sob uma luz menos absoluta, isto é, menos pretenciosa, a ressurreição, pois dela, assim como de Deus, nada “sabemos”. Podemos assumir a afirmação de um humorista gráfico, cristão, que, com um misto de leveza e profundidade, escreve: “Não é necessário crer na ressurreição para crer que Jesus está vivo.”⁹⁵

Porém, continua totalmente justificada, em uma época decisivamente crítica e exigente – embora igualmente distraída e superficial –, a continuidade da pesquisa sobre o destino post-mortem de Jesus de Nazaré

95 José Luis Cortés, www.religiondigital.org, 19-07-2011.

e dos outros seres humanos, tanto com fundamento racional quanto com esperança cristã.

REFERÊNCIAS

ALONSO LÓPEZ, Javier. La resurrección. De hombre a Dios. Madri: Arzalia, 2017.

ANDRADE Gabriel. Breve Introducción a la Filosofía de la Religión. Cádiz: Ediciones de la Universidad de Cádiz, 2011 (ressurreição em geral, pp. 114-121).

AUGIAS, Corrado; PESCE Mauro. Inchiesta su Gesù. Chi era l'uomo che ha cambiato il mondo. Milão: Mondadori, (2006)2013.

ASSOCIAZIONE TEOLOGICA ITALIANA. Ripensare la risurrezione. Milão: Glossa (2009)2010.

BERMEJO RUBIO, Fernando. L'invenzione di Gesù di Nazaret. Storia e finzione. Turim: Bollati Boringhieri, 2021.

CALIMANI, Riccardo. Paolo. L'ebreo che fondò il cristianesimo. Milão: Mondadori, 2010.

COPAN, Paul (org.). Un sepulcro vacío. Debate en torno a la resurrección de Jesús. Madri: Voz De Papel, 2005.

EHRMAN, Bart D. E Gesù divenne Dio. L'esaltazione di un predicatore ebreo della Galilea. Roma: Nessun Dogma, 2017 (capítulos 4 e 5).

FUNK, Robert and the Jesus Seminar. The Acts of Jesus: The Search for the Authentic Deeds of Jesus. Nova York/San Francisco: Polebridge Press Book, Harper San Francisco, 1998, pp. 449-495.

KOMARNITSKY, Kris. "The Rationalization Hypothesis: Is a Vision of Jesus Necessary for the Rise of the Resurrection Belief?", in: <http://celsus.blog/2019/01/04/the-rationalization-hypothesis-is-a-vision-of-jesus-necessary-for-the-rise-of-the-resurrection-belief/>.

LENAERS, Roger, Il sogno di Nabucodonosor o la fine di una Chiesa medievale. Bolsena: Massari, 2009.

— Benché Dio non stia nell'alto dei cieli. Un seguito a Il sogno

di Nabucodonosor. Bolsena: Massari, 2012.

– Gesù di Nazaret. Uomo come noi? San Pietro in Cariano: Gabrielli, 2017.

LORENZO SALAS, Gumersindo. Una fede incredibile nel secolo XXI. Il mito del cristianesimo ecclesiastico. Bolsena: Massari, 2008 (pp. 179-184).

– Jesús de Nazaret. Entonces y ahora. Cuenca: Alfonsópolis, 2005.

MACCOBY, Hyam. Paolo creatore del mito e l'invenzione del Cristianesimo. Bolsena: Massari, 2018.

MARTIN. Michael. Alegato contra el cristianismo. Pamplona: Laetoli, 2007.

MORI, Bruno. Per un cristianesimo senza religione. Ritrovare la "via" di Gesù di Nazaret. San Pietro in Cariano: Gabrielli, 2022.

PESCE, Mauro. Il cristianesimo, Gesù e la modernità. Una relazione complessa. Roma: Carocci, 2018.

PEZZINO, Vincenzo. Gli enigmi di Gesù di Nazareth. Un approccio storico: insegnamenti, saggezza e consigli di un profeta ebreo di Galilea. Roma: Aldo Primerano Edizioni, 2021.

PIÑERO, Antonio. Jesús de Nazaret. El hombre de las cien caras. Textos canónicos y apócrifos. Madri: Edaf, 2012.

– Ciudadano Jesús. Preguntas y respuestas. 3ª ed. Sevilla: Adalíz, 2016.

– El Jesús que yo conozco. Sevilla: Adalíz, 2017.

– Los libros del Nuevo Testamento. Traducción y comentario (edición de A. Piñero). Madri: Trotta, 2021.

SPONG, John Shelby. Rescuing the Bible from Fundamentalism: A Bishop Rethinks the Meaning of Scripture. San Francisco: Harper Collins, 1991 (capítulos 8 e 13).

– Un cristianesimo nuovo per un mondo nuovo. Perché muore la fede tradizionale e come ne nasce una nuova. Bolsena: Massari, 2010.

– Gesù per i non-religiosi. Recuperare il divino al cuore dell’umano. Bolsena: Massari, 2012.

– Il quarto Vangelo. Racconti di un mistico ebreo. Bolsena: Massari, 2013.

– Vita eterna: una nuova visione. Oltre la religione, il teismo, il cielo e l’inferno. San Pietro in Cariano: Gabrielli, 2017.

– Letteralismo biblico: eresia dei gentili. Viaggio in un cristianesimo nuovo per la porta del Vangelo di Matteo. Bolsena: Massari, 2018.

– Perché il cristianesimo deve cambiare o morire. La nuova riforma della fede e della prassi della Chiesa. Trapani: Il pozzo di Giacobbe, 2019.

– Incredibile. Perché il credo delle Chiese cristiane non convince più. Sesto San Giovanni: Mimesis, 2020.

TOMMASI, Franco, Non c’è Cristo che tenga. Silenzi, invenzioni e imbarazzi alle origini del Cristianesimo. Qual è il Gesù storico più credibile? Lecce: Manni, 2014 (pp. 302, 306 etc.)

TORRES QUEIRUGA, Andrés. Ripensare la risurrezione. La differenza cristiana tra religioni e cultura. Bolonha: EDB, 2007.

– La risurrezione senza miracolo. Molfetta: La Meridiana, 2006.

TÜRCKE, Christoph. Il sogno di Gesù. Psicoanalisi del Nuovo Testamento. Turim: Rosenberg & Sellier, 2013.

VIGIL, José María, Teologia del pluralismo religioso. Roma: Borla, 2008.

– “El fin de la epistemología mítica. El cambio del paradigma epistemológico”, in *Consecuencias del final de la epistemología mítica*, Barcelona, CETR, 2010, in <https://eatwot.academia.edu/>.

– “Sincero para con Theos. El Teísmo es una forma superable de pensar la Realidad”, in *AA.VV., Después de Dios. Otro modelo es posible*, coleção *Nuevo Tiempo Axial*, vol. 3, 2021, edição digital pp. 175-231, in www.servicioskoinonia.org.

– Teología Popular sobre el No Teísmo. Acercamiento popular al tema (2022), in <https://eatwot.academia.edu/>.



ZARCONE, Pier Francesco. *Gesù, Giacomo e Paolo. Alle origini del cristianesimo*. Bolsena: Massari, 2015.

A lista relata quase unicamente obras menos conhecidas ou menos disponíveis no circuito literário, mas meritórias.

Ferdinando Sudati



Ferdinando Sudati é teólogo e presbítero na Diocese de Lodi, Itália. Em sua formação como teólogo, dedicou especial atenção ao estudo do sacramento da Penitência em seus aspectos históricos e pastorais. É autor de diversos artigos, prefácios de livros de teologia e curador na Itália da obra do teólogo anglicano pós-teísta John Shelby Spong.

ENTREVISTAS REALIZADAS PELO IHU COM FERDINANDO SUDATI

- [O túmulo vazio significa que Jesus é mais forte do que a morte. Entrevista especial com Ferdinando Sudati](#)

REPORTAGENS COM FERDINANDO SUDATI REPRODUZIDAS PELO IHU

- [Uma linguagem nova para a Boa Nova de Jesus: a releitura de Spong e Lenaers](#)
- [O nascimento de Jesus, uma nova visão. Perguntas e respostas com John Shelby Spong](#)

EVENTOS COM FERDINANDO SUDATI NO IHU

- [A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade](#)



CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões - Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel



- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi



- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred
- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé

- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo



- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli
- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vitor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunida-

- des como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica Laudato Si’ e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 Laudato Si’, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 Laudato Si’ e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: paixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiológia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credas* – Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pú-



blica - Luis Carlos Dalla Rosa

N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa

N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman

N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini

N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri

N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman

N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo

N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo

N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva

N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie

N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral

N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor

 UNISINOS